



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA PORTUGUESA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO

ALINE ROCHA DA SILVA

LITERATURA ANGOLANA: diálogos e possibilidades para uma educação antirracista a partir das experiências do programa residência pedagógica

SÃO BERNARDO
2022

ALINE ROCHA DA SILVA

LITERATURA ANGOLANA: Diálogos e possibilidades para uma educação antirracista a partir das experiências do programa residência pedagógica

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão- Campus de São Bernardo, como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura em Linguagens e Códigos.

Orientadora: Prof. Dr. Rachel Tavares de Moraes

SÃO BERNARDO
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Aline Rocha da. LITERATURA ANGOLANA :
Diálogos e possibilidades para uma educação
antirracista a partir das experiências do programa
residência pedagógica / Aline Rocha da Silva. 2022.
65 p.

Orientador(a): Rachel Tavares de Moraes.
Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão,
São Bernardo-MA, 2022.

1. Educação antirracista. 2. Identidade
afrodescendente. 3. Literatura angolana. 4. Residência
pedagógica. I. Moraes, Rachel Tavares de. II. Título.

ALINE ROCHA DA SILVA

LITERATURA ANGOLANA: Diálogos e possibilidades para uma educação antirracista a partir das experiências do programa residência pedagógica

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão- Campus de São Bernardo, como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura em Linguagens e Códigos.

Orientadora: Prof. Dr. Rachel Tavares de Moraes

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Rachel Tavares de Moraes

Prof.^aDr. ^a Rachel Tavares de Moraes (Orientadora)

Doutora em Educação

Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

Prof.^a. Ma Maria da Guia Viana

Doutoranda em Educação

Universidade Federal da Bahia– Curso LISAFRO

Prof.^a Dr. Edimilson Moreira Rodrigues

Doutor em Letras

Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

Dedico este trabalho a minha gloriosa Mãe, mulher que me ilumina e que sustenta o meu coração e a minha existência. Que tem a alma mais doce, amável e sublime que existe no universo.

AGRADECIMENTOS

A caminhada não foi fácil, suave e cheia de cores. Eu cheguei até aqui, e só tenho a agradecer. Sou grata por não ter desistido de mim mesma, dos meus sonhos e da minha existência. De ter (re)existido e existido em meio às adversidades, turbulências, incertezas, declínios, empecilhos e batalhas da vida. Estou com o coração pulsando com tantas emoções, posso gritar bem alto e festejar para o mundo inteiro ouvir, eu sou a primeira Graduada da família. Desde já, contemplo a minha vitória, a minha história e a minha luta.

Aos meus pais Zenaide Mendes e Gean Rocha, por serem o meu suporte, amparo, inspiração, alento, meu ponto de equilíbrio, meu mundo e o meu chão. Nem as mais belas e doces palavras seriam o bastante para expressar o amor e a gratidão que tenho por vocês.

Aos meus irmãos, Erica Rocha e Gean Rocha que são minhas inspirações, meu colo, abrigo, conforto e suporte. São almas radiantes, meus confidentes, cúmplices e parceiros para toda a vida.

A minha sobrinha Sofya Emanuella, minha menina de luz, minha vida, meu universo. Ela vibra muito com as minhas histórias e com o meu trabalho. Com ela eu transbordo de alegria e me encho de propósito.

A minha tia Cleidiane Rocha, a minha prima Carlyne Rocha, a minha avó Eurides Rocha. Por sempre torcerem por mim, por todo cuidado, força, amor e amparo.

Aos meus amigos, que sempre torceram por mim e pelo o meu sucesso. Pelas palavras ditas e todo apoio. Em especial a Ana Beatriz, Sandy Neves, Guilherme Braga, João Carvalho e Michele Oliveira que foram meus parceiros de trabalhos, perrengues e aventuras ao longo da minha trajetória na Universidade.

A minha orientadora, Rachel Tavares pela sua atenção e suporte durante o meu processo de escrita. Pelos seus ensinamentos durante o meu percurso na graduação.

Aos meus professores da graduação, que me marcaram significativamente com os seus ensinamentos ao longo da minha jornada acadêmica e atuação profissional. Especialmente aqueles que colaborei durante a minha passagem pelos programas PIBID, Residência Pedagógica, Monitoria, nos grupos de estudos e pesquisas. Minha trajetória acadêmica foi marcada por muitas experiências e aprendizados. Sempre lembrarei as sábias palavras daqueles que me ensinaram com amor e dedicação. Findarei uma grande jornada da minha vida levando em meu peito a minha Universidade Federal do Maranhão.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a contribuição da Literatura africana de expressão portuguesa, especificamente a angolana, na educação básica para uma educação antirracista, no 3º ano do ensino médio. Além disso, refletir sobre o seu processo de ensino; discutir sobre a importância da Lei 10.639/2003 para desconstruir o currículo eurocentrista e; relatar ações educativas antirracistas que foram desenvolvidas a partir da supracitada literatura, na modalidade remota, através do Programa Residência pedagógica (coordenado pela professora Dr. Maria Francisca), em parceria com a disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura-PCC 5 (ministrada pela professora Dr. Eliane Pereira), do curso de Linguagens e Códigos-Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão. Essas ações aconteceram por meio da oficina literária “*Vozes da África*”: a escrita que resiste, na disciplina de Língua Portuguesa na qual foi aplicada nas turmas do 3º ano A e B do Ensino médio, numa escola pública, na Instituição de Ensino Dr. Henrique Couto, localizada no Município de São Bernardo-MA, nos dias 22/03/21 e 24/03/21. A metodologia deste trabalho se caracteriza numa perspectiva qualitativa de cunho bibliográfico e como um relato de experiência. Como aporte teórico nos embasamos em Almeida (2018), com suas considerações a respeito dos seguintes conceitos: raça, racismo estrutural, discriminação, preconceito racial, dentre outros termos. Para discutirmos sobre o surgimento da literatura africana de expressão portuguesa nos embasamos nas discussões de Ferreira (1977) e Leite (2012). Para refletirmos sobre o ensino desta literatura utilizamos Carvalho (2021), e Gomes (2018) e DCN-s (2004) para falarmos sobre descolonizar o currículo. Além disso, utilizamos Cordeiro (2020) que discute sobre o uso das TICs no espaço escolar entre outros autores.

Palavras-chave: Literatura angolana; Residência pedagógica; Educação antirracista; identidade afrodescendente;

ABSTRACT

This work has the general objective of analyzing the contribution of Portuguese-speaking African Literature, specifically Angolan, in basic education for an anti-racist education, in the 3rd year of high school. In addition, reflect on your teaching process; discuss the importance of Law 10.639/2003 to deconstruct the Eurocentric curriculum and; to report anti-racist educational actions that were developed from the aforementioned literature, in the remote modality, through the Pedagogical Residency Program (coordinated by Professor Dr. Maria Francisca), in partnership with the discipline of Teaching Methodology of Portuguese Language and Literature-PCC 5 (taught by Professor Dr. Eliane Pereira), from the Languages and Codes-Portuguese Language course, at the Federal University of Maranhão. These actions took place through the literary workshop “Vozes da África”: the writing that resists, in the Portuguese Language subject in which it was applied in classes of 3rd year A and B of high school, in a public school, at the Teaching Institution Dr. Henrique Couto, located in the Municipality of São Bernardo-MA, on 03/22/21 and 03/24/21. The methodology of this work is characterized in a qualitative perspective of a bibliographical nature and as an experience report. As a theoretical contribution, we base ourselves on Almeida (2018), with his considerations about the following concepts: race, structural racism, discrimination, racial prejudice, among other terms. In order to discuss the emergence of Portuguese-speaking African literature, we base ourselves on the discussions of Ferreira (1977) and Leite (2012). To reflect on the teaching of this literature, we use Carvalho (2021), and Gomes (2018) and DCN-s (2004) to talk about decolonizing the curriculum. In addition, we use Cordeiro (2020) who discusses the use of ICTs in the school space among other authors.

Keywords: Angolan literature; Pedagogical residency; Anti-racist education; Afro-descendant identity;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Gráfico da taxa de analfabetismo: representação dos jovens fora da escola.	25
Figura 2- Livro: Espontaneidades da minha alma.	28
Figura 3- Escola Estadual Dr. Henrique Couto	37
Figura 4- Autor: António Agostinho Neto.....	41
Figura 5- Prints do WhatsApp referente a oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.	45
Figura 6- Prints do WhatsApp referente a oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.	47
Figura 7- Prints do WhatsApp referente a oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.	48
Figura 8-Prints do WhatsApp referente a oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.	49
Figura 9- Prints do WhatsApp referente a oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.	50

TABELA

Tabela 1- Centros de Estudos Africanos, Afro-brasileiros e Indígenas	35
Tabela 2- Quadro de dados do material utilizado na oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.	57

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

COVID-19	Coronavírus
DCN-s	Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações étnico-raciais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica
MAC	Movimento Anticolonial
MEC	Ministério da Educação
MUD	Movimento de Unidade Democrática
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
OMS	Organização Mundial de Saúde
PENAD	Pesquisa nacional por Amostra de Domicílio-IBGE
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
TCIs	Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONTEXTUALIZANDO CONCEITOS IMPORTANTES.....	17
3.1 Traçando o sentido de Raça.....	17
3.2 Discriminação e preconceito racial.....	19
3.3 Racismo e racismo estrutural.....	21
3 LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA.....	27
3.1 O espaço da Literatura Africana de expressão portuguesa	27
3.2 Uma reflexão sobre o Ensino da literatura Africana de expressão portuguesa na educação básica	30
3.3 A importância da Lei 10.639/2003 para descolonizar o currículo eurocentrista	33
4 REGÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UMA ABORDAGEM ANTIRRACISTA NO ENSINO MÉDIO.....	37
4.1 Ensino remoto: desafios e possibilidades.....	38
4.2 Descolonizando saberes: uma abordagem antirracista no ensino remoto	40
4.3 ANTÓNIO AGOSTINHO NETO	41
4.4 Oficina Vozes da África: a escrita que resiste.....	44
5 CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICE A- Plano da oficina	62
1º Dia da oficina.....	62
2º Dia da oficina.....	63

1 INTRODUÇÃO

A literatura africana é um instrumento fundamental no espaço educacional e social, uma vez que a mesma pode contribuir para estabelecer e restabelecer uma conexão entre o Brasil e o continente africano. Além disso, através do ensino da mesma poderemos destacar a importância da história e cultura africana para a construção de uma identidade afrodescendente, e sobretudo, evidenciar a necessidade desta literatura se fazer presente no espaço educacional sendo uma ferramenta importante no combate ao racismo, na luta por uma educação antirracista e para uma retomada das raízes africanas. Mostrando a contribuição de figuras negras no cenário mundial em diversos segmentos, assim, desvinculando suas narrativas de visões eurocêntricas, estereotipadas e estigmatizadas.

Nesse sentido, ao refletirmos sobre o racismo estrutural na nossa sociedade, percebemos a necessidade de pensar numa educação antirracista, contribuinte, democrática e de impacto social. Já que o racismo está em nossa estrutura, em todos os espaços e no nosso cotidiano. A instituição escolar enquanto mediadora de saberes, ideologias, afirmativas e como espaço formativo e construtivo tem um papel intrínseco para a formação moral e ética dos alunos. Assim, sendo um campo importante para a luta contra o racismo.

Diante disso, a partir da literatura africana de expressão portuguesa (angolana), podemos pensar e pautar o ensino numa perspectiva antirracista de maneira efetiva e cotidiana. Dito isto, a minha pesquisa surgiu a partir das seguintes razões: do meu interesse pela temática, do meu sentimento de consciência racial, justiça, direito e da necessidade de uma educação pautada no combate ao racismo no Ensino Médio. É necessário pensar em ações e políticas educativas antirracistas efetivas e cotidianas. Ser um educador antirracista é ter uma postura política, necessária em todos os momentos. De tal modo, a presente pesquisa justifica-se a partir da necessidade de se pensar numa Educação antirracista no Ensino médio, de maneira contribuinte, partindo de diálogos e possibilidades. Com o tema Literatura angolana: diálogos e possibilidades para uma Educação antirracista a partir das experiências do programa residência pedagógica, busco com esta pesquisa contribuir de maneira significativa, evidenciando a importância de uma educação antirracista no ensino médio. Além do mais, procuro destacar a relevância da supramencionada literatura no espaço educacional para a retomada das raízes africanas, do pertencimento racial, valorizando a

história e cultura do povo negro africano. Este trabalho não é uma simples pesquisa, é uma luta diária que eu carrego, que eu faço parte, é vivência, é suspiro, é uma luta coletiva que sempre estará presente na minha existência e na minha alma.

Á vista disso, a problemática da nossa pesquisa parte da seguinte indagação: Como a Literatura africana de expressão portuguesa especificamente a angolana pode contribuir para uma educação antirracista na educação básica, no 3º ano do ensino médio?

Nesta perspectiva, delineou-se o seguinte objetivo geral: analisar a contribuição da Literatura Africana de Expressão Portuguesa especificamente a angolana, na educação básica para uma Educação antirracista no 3º ano do ensino médio. Para tanto, partindo para os objetivos específicos pretendemos ainda: refletir sobre o ensino da literatura africana na educação básica; discutir sobre a importância da Lei 10.639/2003 na educação básica para desconstruir o currículo eurocentrista e; relatar ações educativas antirracistas que foram desenvolvidas a partir da literatura africana, na modalidade remota, nas turmas do 3º ano A e B do Ensino médio numa escola pública, na Instituição de Ensino Dr. Henrique Couto, localizada no Município de São Bernardo-MA.

A metodologia deste trabalho se organiza da seguinte maneira: numa perspectiva qualitativa de cunho bibliográfico, para dar sustentabilidade e qualificação ao trabalho na fundamentação de conceitos como raça, racismo estrutural, discriminação e preconceito racial e sobretudo em considerações em torno da Literatura africana de expressão portuguesa e em reflexões sobre o seu processo de ensino, dentre outros aspectos. De acordo com Fachin (2017), a pesquisa bibliográfica é uma fonte inesgotável de conhecimentos e informações, a mesma contribui intelectualmente para todas as formas do saber. Uma pesquisa contribuinte e de destaque, oferecendo suporte, qualificação e proporcionando um saber científico. Tendo em vista conduzir o estudo e a pesquisa para um outro nível de validação. Esse tipo de pesquisa é muito utilizado, visto que possibilita ao pesquisador ter acesso aos conhecimentos já produzidos sobre determinados assuntos. Além disso, a pesquisa bibliográfica possibilita buscar nas obras já publicadas, informações indispensáveis para dar respostas aos problemas de estudo das pesquisas acadêmicas.

Ademais, esta pesquisa se caracteriza como um relato de experiência, uma vez que, apresento em minhas análises dados que foram desenvolvidos e coletados durante a minha atuação docente na educação básica, através do Programa Residência Pedagógica, durante o período remoto no ano de 2021. Sobre o relato de experiência numa perspectiva metodológica o autor Grollmus; Tarrés (2015), enfatiza que o relato é uma forma de narrativa, em que o

autor narra através da escrita acontecimentos que foram vividos e que esse tipo de texto deve ser escrito na 1ª pessoa de forma subjetiva e bem detalhada.

Conforme Bondía (2016), as experiências de sala de aula são fundamentais para o processo formativo dos docentes e dos alunos. Com base nessa concepção, o autor ressalta que a relação com o outro vai além do contato face a face, sendo algo que produz sentido. O mencionado autor salienta a importância de darmos sentido ao que nos acontece. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (BONDÍA, 2002, p.21).

Para a fundamentação teórica utilizamos Almeida (2018), com suas considerações a respeito dos seguintes conceitos: raça, racismo estrutural, discriminação, preconceito racial, branquitude dentre outros termos. Para discutirmos sobre o surgimento da literatura africana de expressão portuguesa nos embasamos nas discussões de Ferreira (1977) e Leite (2012). Para refletirmos sobre o ensino desta literatura utilizamos Carvalho (2021), e Gomes (2018) e DCN-s (2004) para falarmos sobre o processo de descolonizar o currículo. Além disso, utilizamos Cordeiro (2020) que discute sobre o uso das TICs no espaço escolar entre outros autores.

Desta forma, os capítulos deste trabalho se estruturam assim: No capítulo 1 temos a introdução, no qual relato a metodologia do trabalho, no segundo capítulo intitulado “contextualizando conceitos importantes”, discutimos sobre os conceitos de raça, racismo estrutural, discriminação e preconceito racial, precisamos compreender essas terminologias que estão ligadas à ideologia de raça para intensificarmos às ações e os diálogos de combate ao racismo. No terceiro capítulo denominado “a Literatura africana de expressão portuguesa”, discutimos acerca do surgimento da literatura africana e sobre o seu processo de ensino na educação básica. Além disso, discutimos sobre a importância da lei 10.639/2003, que garante a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica e no ensino superior, nas escolas públicas e particulares do Brasil. Já no quarto capítulo intitulado “Regência no Programa Residência Pedagógica”: Uma abordagem antirracista no Ensino Médio, relatamos uma abordagem antirracista que foi desenvolvida e aplicada durante o ensino remoto, através do Programa Residência pedagógica (coordenado pela professora Dr. Maria Francisca), em parceria com a disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura-PCC 5 (ministrada pela professora Dr. Eliane Pereira), do curso de Linguagens e Códigos-Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão. Essas ações aconteceram por meio da oficina literária “*Vozes da África*”: a escrita que resiste, na disciplina de Língua Portuguesa na qual foi aplicada nas turmas do 3º ano A e B do Ensino médio numa escola pública, na Instituição de Ensino Dr. Henrique Couto, localizada no

Município de São Bernardo-MA, nos dias 22/03/21 e 24/03/21. Ademais, no quinto capítulo temos as nossas considerações finais, concluindo as nossas discussões ao longo deste trabalho e sobre a importância desta pesquisa.

2 CONTEXTUALIZANDO CONCEITOS IMPORTANTES

Neste capítulo discutiremos os conceitos de raça, racismo estrutural, discriminação e preconceito racial, precisamos compreender essas terminologias que estão ligadas à ideologia de raça para intensificarmos às ações e os diálogos de combate ao racismo. Visto que o mesmo se caracteriza de forma estrutural e sistêmica. Diante disso, precisamos entender como as desigualdades raciais sentenciam e afetam a vida das pessoas negras. Além do mais, pensar numa educação antirracista antes de tudo é necessário entender a gravidade do racismo e sobretudo, sobre os seus aspectos históricos e estruturais. Uma vez que os espaços ocupados por negros e brancos são totalmente diferentes, além de ser notório as diferenças sociais entre os mesmos em nosso cotidiano.

3.1 Traçando o sentido de Raça

Para adentrarmos nas discussões acerca do racismo estrutural precisamos entender primeiramente, sobre as concepções de raça, como as características físicas, biológicas e étnicas culturais, hierarquizam o sujeito. Na qual essas classificações da raça ao longo da história e da contemporaneidade continuam sendo usadas como meio político e justificativa para as desigualdades e sentenças.

Partiremos dos embasamentos de Almeida (2018), com suas considerações em torno deste termo. O autor enfatiza que raça não é um termo estável, estático. Seu sentido está atrelado às situações históricas. De tal modo, por trás da raça há conflitos e poder, remetendo a um conceito relacional e histórico, visto que “a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas”. (ALMEIDA, 2018, p.18).

Ainda segundo Almeida (2018), discorrer sobre como a ideia de raça ganha importância social demanda conhecimentos específicos e compreensões de como a figura do homem foi construída pela filosofia moderna. Na perspectiva intelectual, o iluminismo contribuiu com observações que tornaram possível análises, comparações e posteriormente, a classificação dos distintos grupos humanos partindo de características culturais e físicas. Como o civilizado e o selvagem e logo depois civilizado e primitivo. Nessa perspectiva, durante o século XVIII, as transformações sociais impulsionaram a construção de um saber filosófico que tinha o homem como seu principal objeto. Os ideários filosóficos contribuíram

para que o homem europeu fosse a figura universal, o homem ideal, àqueles que não se encaixam nesse padrão e nos sistemas culturais europeus, eram taxados como seres menos evoluídos, sem história, sem humanidade e primitivos. Essas concepções estimularam pensamentos nos quais levariam os “primitivos” para outros lugares do mundo. Resultando num grande processo de destruição e extermínio, posteriormente conhecido como colonialismo.

Conforme Almeida (2018), durante o século XIX, os pensamentos positivistas transformaram conceitos sobre as diferenças humanas em articulações científicas, tendo o homem como objeto científico. Nascendo ideias sobre distintivos biológicos. O determinismo biológico, condições climáticas e ambientais eram capazes de explicar as singularidades, a moral, aspectos psicológicos e intelectuais entre as raças. Muitos cientistas conceituam que a pele negra e o clima tropical favoreciam comportamentos bárbaros, imorais, violentos, libertinos e seres com pouca ou quase nenhuma inteligência. Esse racismo científico ganhou notoriedade e prestígio entre acadêmicos e políticos.

O discurso de inferioridade racial justificava a escravidão, os estudiosos ressaltavam que os povos colonizados estavam fadados à desordem política e que eram sujeitos sem humanidade. Após esse levantamento histórico podemos concluir que a raça se baseia a partir de dois segmentos. Segundo Almeida:

1. como característica biológica, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele, por exemplo;
2. como característica étnico-cultural, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir”. A configuração de processos discriminatórios a partir do registro étnico-cultural Frantz Fanon denomina racismo cultural. (ALMEIDA, 2018, p.23).

Com base no mencionado autor, a noção de raça é, ainda, um aspecto político na qual é utilizado para naturalizar disparidades e regularizar a segregação e o genocídio de grupos historicamente considerados minorias. Assim, entendemos que a classificação da raça serviu mais do que um viés filosófico, foi um grande recurso do colonialismo europeu para o domínio e destruição dos povos nativos da África, Américas, Ásia e Oceania.

Desta forma, entendemos que a raça é um conceito em que o seu sentido está atrelado a um contexto relacional. Deste modo, a mesma é uma “relação social”, como menciona Almeida (2018). Em outras palavras, a raça se apresenta em atos concretos corriqueiros de uma estrutura social.

Diante disto, é notório as diferenças sociais entre brancos e negros no Brasil. Neste sentido, de acordo com o IBGE (Instituto brasileiro de geografias estatísticas), a combinação de pretos e pardos formam a classificação dos negros, que são a maioria dentre a população brasileira. Entretanto, são os indivíduos que possuem os menores rendimentos no espaço escolar, em decorrência das desigualdades e das diversas situações de vulnerabilidades enfrentados pelos negros diariamente em nossa sociedade. Conforme a recente pesquisa nacional do PENAD Educação (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio-IBGE), de 2019, as pesquisas apontaram que 71,7% dos adolescentes fora das escolas são negros, e somente 27,3 são brancos. Além do mais, no que diz respeito a desigualdades no acesso à educação, os indicadores do analfabetismo no ano de 2019, apontou que 3,6% das pessoas brancas com a idade de 15 anos ou mais eram analfabetas. Contudo, entre as pessoas negras esse percentual chegou a 8,9%. Vale salientar, que os números de desistências em sua maioria são de alunos negros. No entanto, em decorrência do contexto pandêmico os números aumentaram. Todavia, a desigualdade racial não está só presente no espaço educacional, mas em outros setores e espaços sociais.

3.2 Discriminação e preconceito racial

Depois de compreendermos o conceito de raça, partiremos para as discussões acerca do racismo. Entretanto, precisamos entender as diferenças entre racismo e as categorias que estão atreladas à ideologia de raça. Para Almeida (2018), o racismo está pautado na discriminação, que tem a raça como seguimento. As práticas discriminatórias se manifestam de maneira consciente e inconsciente.

Apesar da ligação entre os conceitos, o racismo distingue-se do preconceito racial e da discriminação racial. De acordo com Almeida (2018), o preconceito racial está baseado em estereótipos em torno dos sujeitos pertencentes a um determinado grupo racializado. Como considerar negros violentos, suspeitos, culpados e inconfiáveis.

Por outro lado, Almeida discorre que a discriminação racial se refere a um tratamento diversificado às pessoas de um grupo racializado, além disso a discriminação pode ser direta e indireta. Com base nesta concepção o autor diz que:

A discriminação direta é o repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial, exemplo do que ocorre em países que proibem a entrada de negros,

judeus, muçulmanos, pessoas de origem árabe ou persa, ou ainda lojas que se recusem a atender clientes de determinada raça. {...} A discriminação indireta é marcada pela ausência de intencionalidade explícita de discriminar pessoas. Isso pode acontecer porque a norma ou prática não leva em consideração ou não pode prever de forma concreta as consequências da norma. (ALMEIDA,2018, p.26).

As discriminações raciais sejam elas diretas ou indiretas deixam marcas, matam, silenciam, e estigmatizam o negro diariamente em nossa sociedade. O racismo se caracteriza como “discriminação racial” determinando-se pelo seu caráter sistemático. Com base no mencionado autor, o racismo não se concentra em apenas uma prática ou práticas discriminatórias, mas de um processo em que situações de inferioridade e privilégios que se partilham entre grupos raciais e se constituem nos espaços políticos, econômicos e sociais. Além disso, o racismo articula-se com a segregação racial.

Assim sendo, podemos perceber essas assertivas sobre a desigualdade racial em nossa realidade brasileira e em diversos segmentos, são consequências do racismo estrutural, preconceito e discriminação racial. De acordo com o IBGE -2020, 75% da população negra vive em situação de pobreza no país, número bastante expressivo tendo em vista que somos a maioria da população brasileira. Ademais, se tratando de salários, as mulheres negras recebem bem menos, precisamente, metade do salário dos homens brancos, mesmo exercendo as mesmas funções e ocupando os mesmos cargos. Ainda segundo o IBGE-2020, entre os dados dos desempregados os negros são a maioria, estima-se que 64% desempregados no Brasil são negros.

Todavia, as desigualdades raciais não se limitam somente aos espaços econômicos e monetários. Ela está presente em todos os meios sociais. Nessa perspectiva, no que diz respeito à segurança, conforme o Anuário brasileiro de segurança pública, em 2019 cerca de 66,6% das mulheres que sofreram violência doméstica e sexual em sua maioria eram negras. Além do mais, 75% das crianças e adolescentes que foram vítimas de violência doméstica também eram negras. Vale ressaltar que o sistema prisional brasileiro é composto majoritariamente por pessoas negras, cerca de 67%.

No que tange à saúde os números não são diferentes, com base nos dados de pesquisa nacional de saúde, em 2013, 78, 9% da população negra não possuíam planos de saúde, atualmente os números não deram baixas. Segundo o mencionado dado de pesquisas, em 2019 os maiores números de negligências e descasos de saúde são contra pessoas negras. Contudo, é necessário frisar que além da população negra a desigualdade racial também afeta os povos indígenas.

Agora analisando o contexto atual de pandemia, nos deparamos com mais desigualdades, segundo o Ministério da Saúde (2020), entre as mortes causadas pela COVID 19, a maioria dos mortos são pessoas negras. No entanto, no quesito imunização há mais pessoas brancas vacinadas contra a coronavírus no Brasil do que pessoas negras. Estima-se que somente 23% das pessoas negras foram vacinadas contra a COVID 19. Segundo o Ministério da Saúde foram um total de 63,8 milhões de doses dentro do montante de 270 milhões de doses distribuídas e já aplicadas.

Esses dados que foram apresentados até então, foram apenas alguns demonstrativos da grande desigualdade racial que existe em nosso país e que está presente em todos os setores sociais. Os dados mencionados aqui embasam a perspectiva de que o racismo se articula como uma segregação racial e que o privilegio branco existe e sempre existiu uma vez que “a branquitude¹ domina os espaços de poder”.

3.3 Racismo e racismo estrutural

Agora que já discutimos a respeito dos conceitos de raça e das categorias que estão relacionadas à ideologia de raça, discutiremos sobre o racismo estrutural. Contudo, precisamos fazer um resgate histórico para entendermos as raízes do racismo estrutural no Brasil, é necessário voltarmos ao início do século XVI ao século XIX, período escravocrata, marcado sobretudo pela exploração forçada da mão de obra de negros trazidos do continente africano e escravizados pelos colonizadores europeus. Foram longos séculos de torturas, silenciamentos, sem direitos civis, políticos, sociais e educacionais.

O fim do regime escravista foi impulsionado pelas revoltas quilombolas, da grande resistência do povo negro e de suas lutas contra o sistema escravocrata. As marcas deixadas pelos mais de 300 anos de escravidão se estruturam nas camadas e nas relações sociais, institucionais, educacionais, midiáticas, econômicas e culturais do país. Após a abolição do sistema escravista, em 1888, os negros continuaram à margem da sociedade, sem apoio, amparo institucional e social. Continuaram sem direitos, sem terras, espaço, não tiveram reparação e muito menos indenizações pelos mais de três séculos de trabalho forçado. Muitos afro-brasileiros continuaram nas fazendas de engenho, uma vez que não tinham

¹ A branquitude é um lugar de privilégios, que colabora com a reprodução do

subsídios e recursos para retornarem à África e para se abrigarem em outros espaços. Esses empecilhos colaboraram diretamente com a exclusão dos afro-brasileiros nos espaços sociais, de prestígio e poder.

Portanto, para discutirmos sobre o racismo estrutural precisamos entender os impactos do processo de colonização, do regime escravista e dos sistemas de poder na vida dos negros ao longo da história. Visto que esses fatores contribuíram para as desigualdades, mazelas, violências, encarceramento em massa, genocídios de pessoas negras, pobreza, e o racismo estrutural.

Segundo Almeida (2018), as instituições políticas, educacionais e sociais reproduzem as ações na qual condicionam a materialização de uma estrutura social, já que o racismo é um elemento orgânico. De tal modo, “as instituições são racistas porque as sociedades são racistas, o racismo é parte da ordem social, não é algo criado pela instituição, mas é por ela reproduzido” (ALMEIDA,2018. p.32). O supramencionado autor destaca que uma sociedade em que o racismo está presente nos espaços sociais, nas relações cotidianas, necessita-se que as instituições tratam o mesmo como um problema grave e que precisa ser combatido, caso contrário, irão simplesmente reproduzir o racismo e práticas racistas que são tratadas como “habituais” no meio social. Diante disso, se as instituições seguirem estáticas e sem ações de combate, as mesmas serão uma rede de transmissões racistas, sexistas e de privilégios. Portanto, para combatermos o racismo e suas estruturas, as instituições devem tomar medidas para a implementação de práticas antirracistas efetivas. Almeida destaca algumas ações importantes como:

a) promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo – por exemplo, na publicidade; b) remover obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição; c) manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais; d) promover o acolhimento é possível composição de conflitos raciais e de gênero. (ALMEIDA,2018, p. 33).

Além disso, Almeida (2018), ressalta a importância da presença de figuras negras nesses espaços de poder para fortalecer a luta antirracista. O autor alerta que a ausência de pessoas negras nos espaços de prestígio e de poder é um sinal de uma sociedade completamente desigual e racista.

Conforme as concepções de Almeida (2018), podemos dizer que o racismo é decorrente da estrutura social. Contudo, o racismo situa-se como desigualdades políticas, jurídicas e econômicas. Entretanto, o racismo enquanto estrutura, não quer dizer que as políticas institucionais e as ações antirracistas sejam ineficazes para combatê-lo. Pelo contrário, compreender o racismo como uma estrutura, não elimina as responsabilidades individuais sobre práticas e condutas racistas. Isso significa dizer que o mesmo não é uma prática isolada de indivíduos e grupos. Entender essa concepção nos possibilita ampliar as ações de combate e nos tornarmos sujeitos mais responsáveis e conscientes na luta antirracista.

Diante das percepções de Almeida (2018), podemos enfatizar que o racismo, sob a concepção estrutural, refere-se a um processo histórico e político. O autor ressalta que o racismo é um processo político pois, enquanto um sistema de discriminação influencia a organização da sociedade que depende de poder político. Além do mais, por ser um processo estrutural, também é um processo histórico. No entanto, não podemos limitar a compreensão do racismo apenas como um processo dos sistemas econômicos e políticos, o racismo está ligado às peculiaridades de formações sociais. Nesse sentido, é importante abordarmos o racismo numa perspectiva ideológica.

O racismo enquanto uma noção ideológica é reforçada a todo momento pelos meios midiáticos, culturais e pelo sistema educacional. Com base no supramencionado teórico Almeida (2018), as telenovelas brasileiras estereotipam o negro e estigmatizam-no na medida que retratam às mulheres negras com uma vocação para serem empregadas e abordam os negros sempre como criminosos e violentos. A escola reforça esses julgamentos quando não apresenta as contribuições de figuras negras na história e nas diversas áreas. Quando apresentam o negro é sempre sem nenhuma relevância, resumindo sua história de luta e de libertação à bondade dos brancos “conscientes”. Na verdade, o que é apresentado nessas novelas não é a realidade, mas uma representação acerca do imaginário social acerca de pessoas negras. “A ideologia, portanto, não é uma representação da realidade material, das relações concretas, mas a representação da relação que temos com essas relações concretas.” (ALMEIDA,2018, p.42).

As práticas discriminatórias estão relacionadas com a ideologia. Nossas relações sociais são pautadas e regidas pela ideologia. A mesma está presente em todos os espaços;

nos meios de comunicação, educacionais, políticos, econômicos e sociais. Se fazendo presente na nossa realidade e no nosso imaginário.

Almeida (2018), discorre que as discussões em torno do racismo estrutural acabam sendo um pouco “complexas” devido ao seu contexto relacional com outros setores como: político, econômico, histórico, ideológico, institucional entre outros. Todavia, nossas discussões estão centradas na perspectiva estrutural. Diante disto, é necessário mencionarmos também a relação do racismo com a meritocracia. Conforme Almeida (2018), a meritocracia se mostra através dos meios institucionais, o mesmo cita os processos seletivos das universidades e os concursos públicos em que as desigualdades estão associadas com a desigualdade racial. Em consequência do ensino público que evidencia o perfil dos estudantes e ocupantes dos cargos de prestígio, que são massivamente relacionados à competência, heterossexualidade, branquitude, masculinidade e meritocracia. No Brasil, a ideologia da democracia racial que nega a existência do racismo, sustenta-se pelo discurso da meritocracia. O mencionado autor enfatiza que os discursos de que não há racismo justificam as condições sociais das pessoas negras, visto que, os mesmos não alcançaram os lugares de prestígio e poder por falta de dedicação, competência e mérito. A ideologia da meritocracia é extremamente racista e intensifica as desigualdades, mazelas, segregação, fome, miséria e a violência em nosso país.

Depois desses levantamentos sobre a articulação do racismo nos diversos setores e espaços sociais se faz necessário destacar as grandes desigualdades raciais presente no contexto escolar. Visto que uma sociedade racista reflete uma escola racista. Como destaca Bourdieu (1998), que o sistema escolar é um dos fatores mais eficazes de conservação social, e como tal, reproduz as desigualdades sociais e que as mesmas se reproduzem dentro do próprio sistema de ensino. Nesse sentido, no que tange o racismo no espaço educacional, os indicadores demonstram ainda muitas desigualdades entre pessoas brancas e negras. De acordo com o PNAD (2019), entre os jovens de 18 e 24 anos, os brancos têm duas vezes mais chances de ingressarem nas universidades ou de já terem completado o ensino superior, do que jovens pretos e pardos. Além disso, cerca de 71,7% dos adolescentes fora da escola são negros, e apenas 27,3% destes são brancos. Esse estudo destaca a desigualdade de acesso à educação nos índices de analfabetismo. Em 2019, cerca de 3,6% das pessoas brancas entre 15 anos ou mais eram analfabetas, enquanto entre as pessoas negras esse percentual chegou a 8,9%. Como podemos ver no gráfico abaixo.

Figura 1-Gráfico da taxa de analfabetismo: representação dos jovens fora da escola.



Fonte: PNAD 2019 – IBGE, imagem retirada do Google.

Ainda conforme o PNAD (2019), as desigualdades raciais também afetam o processo de ensino aprendizagem dos alunos. Como demonstra o estudo da Iede-2019 (Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional). A pesquisa evidenciou a partir dos dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) que em todos os estados do Brasil, tanto no 5º quanto no 9º ano, em todas as disciplinas avaliadas como: Língua Portuguesa e Matemática, há diferenças consideráveis entre o percentual de estudantes negros e brancos se tratando de índices adequados de aprendizagem. Visto que entre os alunos de nível socioeconômico alto, estimou-se que 34,4% dos brancos têm aprendizado adequado, entre os pretos, 17,3% (diferença de 98,8%). Já os de baixo nível socioeconômico, 15,8% dos estudantes brancos possuem aprendizado adequado contra 8% (diferença de 98%) dos pretos. Além do mais, com base nos dados do IBGE-2018, cerca de 76% dos jovens brancos entre 15

e 17 anos estavam matriculados no Ensino Médio, esse número caiu para 62% entre a população preta. Ou seja, uma proporção maior de negros estava em situação de atraso escolar (matriculados em séries inadequadas para sua idade) ou fora da escola. Se tratando dos jovens brancos de 15 a 17 anos que não frequentam a escola são: 7,2%; essa taxa é de 10,2% entre os pardos e de 11,6% entre os pretos.

Esses demonstrativos citados acima são um dos vários indicadores das desigualdades raciais no espaço escolar, que ainda estão muito presentes em nossa sociedade. O nosso ensino brasileiro ainda precisa evoluir muito no que diz respeito à uma educação antirracista efetiva e cotidiana, apesar de alguns avanços nas políticas afirmativas, é necessário percorremos um grande caminho para que a igualdade de oportunidades entre negros e brancos seja de fato atingida. Para tanto, como vimos, o racismo se articula com diversas esferas na nossa estrutura social, dito isto, precisamos reconhecer a sua existência e como o mesmo produz e reproduz desigualdades em todos os setores e relações sociais. A partir desse entendimento de como o racismo se caracteriza, poderemos mudar a nossa realidade social e educacional partindo de diálogos e ações de combate ao mesmo. Afinal o racismo precisa ser conhecido, debatido para ser combatido. No próximo capítulo, discutiremos sobre o surgimento da literatura africana de expressão portuguesa, sobre o seu processo de ensino e adentramos posteriormente, nas discussões sobre a importância da lei 10.639/2003.

3 LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

Neste capítulo discutiremos acerca do surgimento da literatura africana de expressão portuguesa e sobre o seu processo de ensino na educação básica, antes de enfatizar a abordagem antirracista a partir desta literatura, em especial a angolana, precisamos contextualizar a articulação da literatura africana. Além disso, discutiremos sobre a importância da lei 10.639/2003, que garante a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica e no ensino superior, nas escolas públicas e particulares. Contudo, mesmo com a lei em vigor há cerca de dezenove anos, ainda nos deparamos com uma educação fragmentada que na maioria das vezes não contempla o ensino dessas temáticas. Já que, ao refletirmos sobre o ensino de literatura africana na educação básica percebemos que o ensino ainda é enraizado numa perspectiva eurocêntrica com conteúdos escolares que não enfatizam a importância dos negros na construção da nossa sociedade. Os currículos ainda apresentam um ensino centralizado no eurocentrismo. Desta forma, precisamos pensar em novas estratégias pedagógicas, em ações e metodologias para descolonizarmos o currículo e promovermos uma educação antirracista.

3.1 O espaço da Literatura Africana de expressão portuguesa

A literatura africana de expressão portuguesa caracteriza-se pelas literaturas produzidas nos países africanos falantes de língua portuguesa como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Segundo Ferreira (1977), a literatura africana de expressão portuguesa apareceu em decorrência de um longo processo histórico de colonização durante o século XV, período em que os portugueses iniciaram sua rota pela África.

Conforme Ferreira (1977), a literatura africana de expressão portuguesa surgiu quando os portugueses chegaram à Angola, no ano de 1575, quando eles criaram nos anos quarenta do século XIX, o ensino oficial, além disso, dando extensão ao ensino particular ou oficializado, à liberdade de expressão e a instalação do prelo (imprensa), que abre espaço para publicações literárias. Com isso, com base no mencionado autor, essa instalação do prelo gerou grandes resultados, uma vez que, após quatro anos desse acontecimento, deu-se a publicação do "Espontaneidades da minha alma" de (1849), do autor angolano José da Silva

Maia Ferreira. Sendo o primeiro livro impresso na África lusófona (Países africanos de Língua oficial portuguesa). Entretanto, esse foi o primeiro livro impresso, mas não, a obra mais antiga de autoria africana. Visto que essa literatura é datada precisamente por mais de um século de existência. No entanto, a mesma, é marcada por dois momentos: dividida em uma literatura colonial e uma literatura africana de expressão portuguesa.

Figura 2- Livro: Espontaneidades da minha alma.



Fonte: Imagem retirada do Google adaptada pela autora.

Com base em Ferreira (1977), a literatura colonial caracterizava-se por uma literatura que ressalta o homem europeu como o centro narrativo e poético, como o sujeito ideal. Por outro lado, o homem africano não pertencia a esse ideário. Nessa literatura colonial, a figura do homem negro quase não aparecia, e, quando isso acontecia era de maneira submissa, estigmatizado e sem relevância. Muitas aparições se limitavam a uma animalização ou coisificação. Podemos perceber isso no prefácio de Manuel Pinheiro Chagas Os sertões d'África, 1880, de Alfredo de Sarmiento, na qual o homem negro é descrito com instintos de fera, sempre de maneira inferior em relação ao homem branco. Além disso, Ferreira (1977.p.11), elenca algumas obras racistas como:

Henrique Galvão: «A sua face negra, de beizola carnuda, tinha reflexos demoníacos» (O vélo d'oiro, 4.^a ed., 1936, p. 122); ou: «Era um negro esguio» [o Mandobe] que «dava a impressão [...] dum excelente animal de corrida» (p. 34); Hipólito Raposo (Ana a Kalunga, 1926) na glorificação mística imperial: «Queimados no ardor silencioso de Golfo, em todo o peito português vai estremecendo o marulhar heróico dos Lusíadas» (p. 21), e outros (muitos) como António Gonçalves Videira, João Teixeira das Neves, irmão de Teixeira de Pascoaes, Brito Camacho, Contos selvagens (1934).

Diante disso, como já foi mencionado, o homem branco/ europeu/ colonizador era visto e descrito como o indivíduo ideal, era elevado ao centro, colocado ao topo na categoria de herói mítico, “o desbravador das terras inóspitas”, o portador de uma cultura superior”. Nesse sentido, a literatura africana de expressão portuguesa nasce para se opor contra os pensamentos eurocêntricos do colonizador. Resistindo ao sistema colonialista, negando as ideologias desse sistema e reivindicando sua história partindo para uma consciência nacional. Assim, buscando desconstruir sua história e reescrevê-la longe das narrativas e olhares eurocêntricos. Desta forma, rejeitando essa literatura colonial. Entretanto, segundo Ferreira (1977), isso era feito na maioria das vezes de maneira camuflada, devido à grande pressão do colonizador que não permitia o aparecimento de uma consciência anticolonialista. Para tanto, negar essa literatura colonial e apresentar um sentimento africano no século XIX, era um ato de resistência e pioneirismo.

Ao longo da história as literaturas africanas efetuaram um importantíssimo papel na luta pela independência e na articulação de uma nação. Atualmente às lutas se concentram na libertação dos resquícios da escravidão, para se libertar da perifericidade, estigmas e dos status de uma sublitteratura que é reduzida no espaço intelectual. Na qual temos a literatura ocidental como referência. Esses escritos literários eram e ainda são vistos como uma literatura menor, e na maioria das vezes como inferior em decorrência da linguagem simples presente nas poesias.

Todavia, vale ressaltar que as literaturas africanas de língua portuguesa apresentam suas especificidades nacionais, uma vez que o continente africano é diverso, cheio de culturas, línguas e tradições orais, seus países apresentam suas singularidades e não é diferente na literatura. Deste modo, Leite (2012), ressalta que as literaturas africanas se configuram em aspectos próprios. Além disso, articulam-se conforme moldes “estéticos e linguísticos”, em suas diferenças culturais, étnicas, das diferenças “linguísticas-culturais” resultado do processo de colonização. Portanto, essas especificidades dizem respeito às identidades culturais de cada país, visto que tanto a cultura quanto a literatura dos países africanos se diferem.

3.2 Uma reflexão sobre o Ensino da literatura Africana de expressão portuguesa na educação básica

Discutiremos neste tópico sobre o processo de ensino da literatura africana de expressão portuguesa na educação básica, precisamos refletir no que diz respeito ao ensino da mesma e entender quais são os empecilhos que acabam excluindo-a do espaço da sala de aula. Ao refletirmos sobre a educação brasileira de forma geral nos deparamos com um ensino enraizado nos saberes e pensamentos eurocêntricos, visto que o discurso da democracia racial ainda está presente em nossa sociedade. Deste modo, é de extrema importância descolonizarmos esses saberes para promovermos uma educação antirracista, contribuinte e democrática.

Para tanto, ao pensarmos no ensino de literatura africana na educação básica precisamos refletir sobre alguns obstáculos que acabam excluindo-a do contexto de sala de aula e de um ensino contextualizado. Como já mencionamos aqui, um dos pontos é o currículo. Precisamos descolonizar o currículo, uma vez que o mesmo é um agente social sendo essencial na abordagem de temáticas étnico-raciais e na intensificação dos debates sobre uma educação antirracista. Além disso, o currículo se caracteriza como uma rede de diretrizes e conteúdos, e como um dispositivo de poder, na qual pode relacionar o texto com as realidades e demandas presentes em nossa sociedade.

Com base em Carvalho (2021), incluir o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos da educação básica e no ensino superior é uma ação democrática, que se relaciona com os direitos humanos, já que é um processo de inclusão de todos os sujeitos coletivos na história. Neste sentido, devemos ampliar o foco dos currículos escolares para uma diversidade cultural, racial e social, tanto na educação básica quanto no ensino superior. O mencionado autor enfatiza que o currículo é uma construção cultural. Além do mais, o mesmo deve ser caracterizado da seguinte maneira: como enfrentamento das amarras epistemológicas construídas pelos dispositivos coloniais. Somente assim será possível uma reeducação das relações étnico-raciais, de literatura africana e afro-brasileira no espaço escolar.

Conforme Gomes (2018), os currículos ainda são muito engessados, mesmo tendo as diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira com a lei 10.639/2003, a maioria dos professores da Educação básica têm “dificuldades” em trabalhar com outras narrativas, os mesmos seguem preocupados em atender e a oferecer saberes que lhes foram impostos, inclusive em suas

formações. Gomes (2018), ressalta que pensar em descolonizar os currículos vai muito além de repensar os conteúdos a serem discutidos em sala de aula. Descolonizar currículos requer uma nova postura de toda à comunidade escolar, todos que fazem parte do campo construtivo devem agir. O autor destaca que só será possível descolonizar os currículos e os saberes se descolonizar o olhar sobre os sujeitos e suas experiências. Nesse sentido o autor ressalta que:

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciamos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos (GOMES,2012, p. 102).

Contudo, além de pensarmos na importância de descolonizar o currículo, precisamos pensar na formação de professores e na formação continuada dos mesmos. Uma vez que há muitos professores que ainda estão presos no discurso da democracia racial, falam que não existe racismo na escola, e então, não veem necessidade em trabalhar com temáticas étnico-raciais. E quando tais temáticas aparecem não são trabalhadas de forma adequada. A história e cultura africana e afro-brasileira são apresentadas de maneira estigmatizada e numa perspectiva eurocêntrica.

No entanto, nós enquanto professores antirracistas somos subjetividades curriculares, nós temos o poder de definir e produzir saberes. Para pautarmos uma educação numa perspectiva antirracista é necessário professores antirracistas com práticas antirracistas, estratégias, possibilidades didáticas e reflexões em torno do espaço escolar enquanto campo formativo. Sobretudo, é necessário entender que nossa sociedade é racista, que o racismo é um problema histórico e político, e que o mesmo está em todos os espaços e que nós professores precisamos mudar nossa realidade escolar e adotar ações educativas antirracistas cotidianas ao longo do ano letivo.

Para tanto, pensando na formação e atuação dos professores de Língua Portuguesa, a Literatura Africana pode ser um importante instrumento de atuação antirracista, além de ser um meio para a aplicação da Lei nº 10.639/2003, na qual inclui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas às escolas do país. O professor pode abordar várias temáticas relacionadas à população da diáspora. Partindo de ações e referências, como é direcionado pelas Diretrizes Curriculares para a educação das relações Étnico-raciais (DCN-s-2004). O professor pode enfatizar questões sobre identidade, cultura, ancestralidade, resistência e sobre o racismo, viabilizando como o mesmo se estrutura

na sociedade brasileira. Nesse sentido, com base nos DCN-s (2004), se tratando da diáspora o ensino pode pautar as seguintes questões:

A história da ancestralidade e religiosidade africana; – aos núbios e aos egípcios, como civilizações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade; – às civilizações e organizações políticas pré-coloniais, como os reinos do Mali, do Congo e do Zimbábwe; – ao tráfico e à escravidão do ponto de vista dos escravizados; – ao papel de europeus, de asiáticos e também de africanos no tráfico; - à ocupação colonial na perspectiva dos africanos; – às lutas pela independência política dos países africanos; – às ações em prol da união africana em nossos dias, bem como o papel da União Africana, para tanto; – às relações entre as culturas e as histórias dos povos do continente africano e os da diáspora; – à formação compulsória da diáspora, vida e existência cultural e histórica dos africanos e seus descendentes fora da África; – à diversidade da diáspora, hoje, nas Américas, Caribe, Europa, Ásia; – aos acordos políticos, econômicos, educacionais e culturais entre África, Brasil e outros países da diáspora.(DCN-s, 2004.p.22).

Para tanto, levando em consideração as conduções das Diretrizes Curriculares para a educação das relações Étnico-raciais (2004), o ensino de História e Cultura Africana pode partir de diferentes formas, inclusive com a realização de projetos e oficinas de diferentes áreas do ensino ao decorrer do ano letivo, viabilizando à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, ao longo da história, na construção social, econômica, política e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando a importância e atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento e em diferentes cenários, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social dentre outras contribuições. Veremos essa contribuição posteriormente ao longo deste trabalho a partir da literatura africana de expressão portuguesa com o poeta angolano António Agostinho Neto. Todavia, depois dessas discussões acerca do ensino da literatura africana, podemos destacar no tópico a seguir a importância de desconstruir o currículo eurocentrista para pautar o ensino desta literatura numa perspectiva antirracista.

3.3 A importância da Lei 10.639/2003 para descolonizar o currículo eurocentrista

Neste tópico discutiremos sobre a importância da lei 10.639/2003, que inclui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica e no ensino superior tanto nas escolas públicas quanto privadas. A mencionada lei é de extrema importância para intensificarmos ações educativas antirracistas e para descolonizar o currículo eurocentrista. Para tanto, contextualizamos a supramencionada lei e sua temporalidade. Tal lei é fruto das grandes lutas e reivindicações dos movimentos negros que lutaram incansavelmente desde os anos 70, para a valorização da história e da cultura africana e afro-brasileira e do reconhecimento, por parte do Estado, das grandes diversidades étnico-raciais existentes em nosso país.

Conforme os DCN-s (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004). Em 2003, o governo federal aprovou a Lei nº 10.639/03-MEC, que alterava a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) estabelecendo as Diretrizes Curriculares para a implementação da mesma. A 10.639/03 que inclui a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Com intuito de resgatar historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da nossa sociedade brasileira. O parecer lista algumas questões introdutórias como buscar dar conta das demandas da população afrodescendente, no que tange políticas de ações afirmativas, ou seja, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade. Além disso, busca combater o racismo e as discriminações que atingem a população negra.

Ainda segundo os DCN-s (2004,), o estado e a sociedade são responsáveis por tomarem medidas para compensar os descendentes de africanos, dos danos psicológicos, morais, sociais, políticos e educacionais sofridos historicamente sob o regime escravista. A escola deve promover uma educação antirracista, na qual enfatize ações e diálogos de combate ao racismo. Contudo, mesmo a escola sendo um espaço formativo as ações e diálogos para uma educação e uma sociedade antirracista não devem apenas se limitar ao espaço escolar. Uma vez que o racismo está presente em todos os espaços e relações sociais.

Contudo, apesar da supramencionada lei estar em vigor desde de 2003, o Ensino da “cultura e história” afro-brasileira, indígena e africana, ainda não acontece de forma efetiva, nos deparamos com grandes empecilhos que acabam excluindo essas temáticas do espaço escolar. São poucas aparições de bibliografias que falam sobre a história e cultura

africana na Educação Básica, e quando são trabalhados seguem com uma perspectiva eurocêntrica e até mesmo na academia. Entretanto, os conteúdos não devem ser apenas pautados em decorrência da lei 10.639/2003, sem importância e sem responsabilidade. Ou só no dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra para cumprir tabela. Devemos promover uma educação antirracista todos os dias, ao longo do ano e da nossa prática docente. O combate ao racismo precisa ser uma ação diária e cotidiana principalmente no espaço escolar.

Todavia, quando paramos para refletir sobre as relações étnico-raciais no âmbito escolar, percebemos uma certa omissão no planejamento escolar. O silêncio sobre o racismo e as discriminações raciais ainda é muito grande nas diversas instituições educacionais. Ressalto essa afirmativa com uma grande carga e angústia enquanto aluna e professora. Enquanto aluna durante o meu percurso na educação básica nunca tive contato com conteúdo, e saberes que ressaltavam a importância dos negros, da história e cultura africana e afro-brasileira. Na graduação também não tive assuntos que tratassem sobre essas temáticas e sobre a importância do negro na construção da nossa sociedade. A não ser no quinto período, momento em que apresentei uma micro aula para minha turma, sobre a importância das cotas e como o racismo nos afeta no cenário educacional. Essa apresentação foi na disciplina de direitos humanos que era ministrada pela professora Keiliany Pimentel. Um ato bastante importante e significativo, visto que tem alunos na minha turma que são contra as cotas raciais. Por isso é muito importante e necessário uma educação antirracista na educação básica. É deprimente ter que lidar com discursos racistas que deslegitimam nossas lutas ao longo da história principalmente dentro da academia que é um espaço tão transformador.

Com base nos DCN-s (2004), no Brasil Colônia, o Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro do ano de 1854, constituía que nas escolas públicas de todo o país não seriam aceitos escravos, e a prevenção de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade dos professores. Diante disso, o Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro do ano de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno, foram criadas várias estratégias para impedir o acesso completo da população negra ao espaço escolar.

São situações como essas que devemos refletir. Mesmo com aproximadamente dezenove anos da aplicabilidade da lei 10.639/2003 ainda há um grande descaso com as temáticas relacionadas à população negra. No entanto, a mencionada lei é um instrumento importante para descolonizarmos o currículo e pensarmos numa educação antirracista cotidiana. A supracitada lei é um grande agente no combate ao racismo, uma vez que contribui para a inserção das temáticas étnico-raciais, da valorização da história e cultura africana e afro-brasileira no espaço educacional. Além de ser uma ferramenta importante para

descolonizar o currículo. Já que a mesma possibilita um novo olhar sobre a nossa história, além de resgatá-la sob a perspectiva do negro. Visto que por muitos anos e até então, o negro ainda é visto como sujeito inferior em determinados conteúdos assim como no livro didático, não é mostrado a importância dos negros na construção da nossa sociedade e o mesmo ainda é tido como sujeito inferior em todos setores.

À vista disso, todos nós professores somos agentes essenciais no processo de descolonizar os saberes e os currículos no espaço escolar. Todo corpo que constitui a escola precisa se mobilizar para obtermos resultados. Devemos sempre pensar na educação numa perspectiva antirracista. Além do mais, precisamos nos mobilizar e intensificar nossas ações educativas no combate ao racismo e as discriminações raciais que estão presentes em todos os espaços sociais. Entretanto, pensando nesses fatores que acabam dificultando o ensino com base nas relações étnico-raciais e de um viés antirracista. Acho necessário citar fatores que podem facilitar o ensino nesta perspectiva antirracista e que ajudam na implementação da Lei 10.639/2003. Portanto, na tabela abaixo citarei alguns núcleos de estudos afro-brasileiros, africanos e indígenas que eu acompanho, esses núcleos contribuem de maneira significativa para uma educação antirracista com abordagens através de projetos, cursos de formação continuada, discussões, conferências, diálogos, dentre outros recursos.

Tabela 1- Centros de Estudos Africanos, Afro-brasileiros e Indígenas

Centros de Estudos	Áreas de Estudos
ABE-ÁFRICA	Associação Brasileira de Estudos africanos, profissional independente, sem fins lucrativos, aberta para todo os estudiosos
Instituto do Negro de Alagoas (ING/AL)	O Instituto promove a população negra em ações de formação política, produção teórica e engajamento
NEAB-UFAL (Universidade Federal de Alagoas)	Núcleo de Estudos afro-brasileiros e indígenas
NEÁFRICA	Núcleo de Estudos, pesquisas e extensão sobre África. (UEMA/UFMA)
NEABI Campus Piúma-Ifes (Espírito Santo)	NEEducação das Relações Étnico-raciais; Antirracismo; História e cultura Africana, Afro-brasileira e indígena

Fonte de autoria própria: dados fornecidos de alguns centros que acompanho

Depois dessas discussões a respeito da importância da lei 10.639/2003 para desconstruir o currículo eurocentrista. No próximo capítulo darei ênfase em ações educativas que foram desenvolvidas numa perspectiva antirracista no último ano do ensino médio durante a minha passagem pelo programa residência pedagógica em tempos de pandemia e isolamento social no ano de 2021.

4 REGÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UMA ABORDAGEM ANTIRRACISTA NO ENSINO MÉDIO

Neste capítulo relataremos uma abordagem antirracista com a literatura africana, especificamente a angolana, que foi desenvolvida no ano de 2021, durante o ensino remoto em decorrência do contexto pandêmico. Tal abordagem ocorreu através da disciplina de Língua Portuguesa com a oficina “Vozes da África”: a escrita que resiste. A mesma foi elaborada e aplicada na primeira etapa de atividades do programa residência pedagógica em parceria com a disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa PCC 5, nas turmas do 3º ano A e B do ensino médio numa escola pública, na Instituição de Ensino Dr. Henrique Couto, escola situada no Município de São Bernardo-MA. Em nossa oficina literária damos ênfase ao autor angolano António Agostinho Neto, que foi extremamente importante para o movimento negritude, assim como outros autores desse movimento. No século XX, o poeta se opôs à opressão sofrida pelos negros no continente africano, denunciando em seus poemas a exploração escravocrata, em Angola e Moçambique.

Figura 3- Escola Estadual Dr. Henrique Couto



Fonte: de autoria própria.

4.1 Ensino remoto: desafios e possibilidades

Neste tópico discutiremos sobre o impacto da pandemia no espaço escolar e sobre os desafios e possibilidades encontrados durante o ensino remoto. Atuar neste novo contexto de ensino foi um processo árduo, cheio de obstáculos, anseios, dificuldades, questionamentos e aprendizados. O contexto pandêmico afetou vários setores e o espaço educacional foi um deles. Tivemos que pensar em um novo formato de sala de aula, em novas metodologias e em novas práticas pedagógicas. Foi necessário ter um novo olhar sobre o ensino em tempos tão difíceis.

A Pandemia causou muitos impactos e crises em diversos espaços sociais, educacionais, culturais, políticos e econômicos no Brasil e no mundo. O contexto pandêmico agrava desigualdades, violências, fome e miséria. Vivemos em tempos difíceis, estamos diante de um grande descaso governamental e com o agravamento do coronavírus tivemos mais de 600 mil mortes por consequência da COVID-19 c.

Esse contexto provocou grandes questionamentos e reflexões em torno da Educação em tempos de pandemia e isolamento social. Com a suspensão das aulas presenciais as escolas e nós professores tivemos que nos reinventar e pensar num novo formato de sala de aula, em novas metodologias, possibilidades e estratégias pedagógicas para atender as demandas e a realidade dos alunos nessa nova modalidade de ensino, que é o ensino remoto de caráter emergencial. Com isso, os recursos tecnológicos como as plataformas digitais se tornaram os nossos principais meios de ensino para esse novo processo de ensino aprendizagem. Entretanto, apesar do MEC (Ministério da Educação), ter regulamentado o Ensino na modalidade remota nos deparamos com alguns empecilhos. Os educadores não estavam preparados para esse sistema, pela falta de recursos, conhecimentos e praticidade com as novas ferramentas digitais. Diante desses obstáculos, o MEC acabou lançando alguns cursos de aperfeiçoamento para o uso das TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação). Além dos educadores, os alunos e os pais precisaram se adaptar à esta situacionalidade.

Todavia, esses não foram os únicos obstáculos na qual nos deparamos, a falta de internet foi um dos grandes alarmantes de desigualdades e de realidades enfrentadas pelos alunos da educação básica e licenciandos. Ficamos diante de vários desafios e dificuldades enquanto docentes e alunos da graduação. No entanto, nossas posições distintas enquanto alunos e professores nos possibilitaram outros olhares, nos sensibilizamos e enxergamos além do problema.

Para tanto, o ensino remoto deixou ainda mais claro a importância do professor e como o mesmo é uma peça fundamental na vida dos seus alunos e vice-versa. Além disso, mostrou o quanto é necessário enxergarmos nossos alunos como seres humanos frágeis e com suas sensibilidades.

Contudo, muitos alunos e professores acabaram desenvolvendo e até mesmo agravando problemas de saúde mental neste período. Tais problemas como: depressão, ansiedade, insônia, dependências, atraso mental dentre outros. O ensino remoto foi a saída que tivemos para darmos continuidade com às atividades escolares e acadêmicas e de certo modo “minimizar” os atrasos, enquanto as aulas presenciais não retornam.

Nesse sentido, tendo em vista que o ensino remoto é/foi nossa realidade atual, a adaptação a esta modalidade foi consequência da pandemia. Todavia, o ponto não é só se adaptar, mas pensar em novas formas de ensinar, uma vez que estamos diante de um novo cenário educacional. As tecnologias digitais são as grandes ferramentas que nos auxiliam na modalidade remota. Conforme Cordeiro (2020), as TICs são extremamente importantes no processo de ensino aprendizagem, trabalhá-las no âmbito da educação é crucial para o processo formativo dos alunos principalmente neste contexto de ensino remoto. O autor ressalta que:

A utilização das tecnologias embasadas em metodologias ativas pode favorecer o processo de ensino e aprendizagem de forma mais eficaz e autônoma, com foco no desenvolvimento humano em todas as suas vertentes e voltado principalmente para a realidade na qual vivenciamos (CORDEIRO,2020. pg.05).

Nessa perspectiva, o uso das TICs, proporcionam metodologias ativas e significativas nessa nova prática docente e no processo de ensino-aprendizagem. As tecnologias estão sendo indispensáveis neste período pandêmico. Além do mais, ficou evidente o quanto é necessário a capacitação técnica, a formação continuada dos docentes para utilizarem essas ferramentas em sala de aula. Agora essas plataformas digitais são os nossos aliados e principais recursos pedagógicos. As plataformas: WhatsApp, Google Meet, Classroom estão cada vez mais presentes na nossa prática pedagógica e no nosso planejamento. As salas de aulas e as aulas de Língua Portuguesa ganharam um novo formato. Portanto, precisamos nos adaptar, aprender a trabalhar e a investigar sobre a prática docente e o ensino remoto. No tópico a seguir relataremos com clareza a abordagem antirracista que foi desenvolvida na disciplina de Língua Portuguesa utilizando-se de recursos tecnológicos e das plataformas digitais no processo de ensino aprendizagem dos alunos.

4.2 Descolonizando saberes: uma abordagem antirracista no ensino remoto

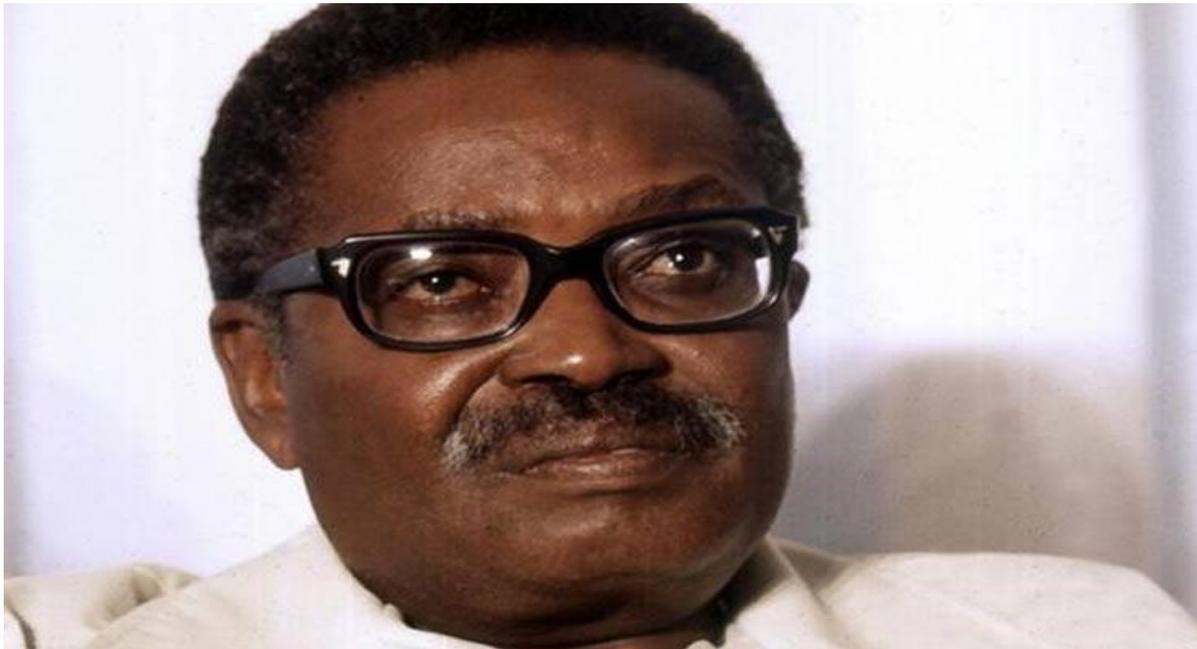
Falar sobre experiências significativas, construtivas e que nos edificam é necessário falarmos dos saberes que nos marcam, que construímos e adquirimos durante o nosso processo construtivo e formativo enquanto professores. Considerando o saber como algo que está relacionado não apenas com o nosso trabalho, mas com a nossa identidade, experiências, histórias e das nossas relações com os nossos alunos e com a escola. Segundo Tardif (2014), os saberes experienciais são adquiridos no exercício das funções e da prática docente. Esses saberes vêm das experiências e são por elas validados “nasceram “a partir das experiências e são adquiridos de forma individual e coletiva. Desta forma, os saberes docentes e as experiências estão ligados, ao que vivenciamos, compartilhamos e aprendemos em determinados momentos, nos marcam e nos modificam.

Antes de falarmos sobre a oficina “*Vozes da África*”: *a escrita que resiste*, precisamos ressaltar algumas questões. Esta oficina foi uma ação muito importante e significativa para mim enquanto pesquisadora e educadora antirracista. A mesma me marcou muito e me motivou ainda mais a lutar por uma educação antirracista, contribuinte e democrática. A experiência que contarei tem uma mistura de sentimentos. Importante, significativa e cheia de saberes. Uma experiência repleta de sentidos e subjetividades.

Todavia, antes de discutirmos sobre a oficina “Vozes da África” a escrita resiste, precisamos fazer algumas considerações iniciais sobre a grande importância do autor angolano Antônio Agostinho Neto, o mesmo foi escolhido para trabalharmos com a literatura africana de expressão portuguesa na educação básica numa perspectiva antirracista. Para tanto, utilizaremos a Revista “Lusofonia poética” para darmos ênfase às ações de Agostinho ao longo da história. A seguir traço um pequeno contexto biográfico.

4.3 ANTÓNIO AGOSTINHO NETO

Figura 4- Autor: António Agostinho Neto.



Fonte: Imagem retirada do Google adaptada pela autora.

O poeta António Agostinho Neto nasceu no dia 17 de setembro do ano de 1922, na aldeia de Kachicane, a cerca de sessenta quilômetros da capital Luanda, em Angola. Seu pai era um pastor e professor da igreja Metodista e sua mãe era professora.

Agostinho foi considerado a principal figura angolana do século XX. Engajado na luta pela libertação do povo de seu país, então colônia de Portugal. O poeta tornou-se o primeiro presidente de Angola em 1975. Para tanto, devido a sua trajetória e produção literária marcada por uma escrita de resistência e sua grande contribuição social, é conhecido como o “o poeta maior”. O mesmo destacou-se nas áreas de sócio-política, humano-científica, científica e intelectual-cultural. Deixando um grande legado significativo ao povo angolano e à humanidade, sendo uma figura de extrema importância no processo de independência de Angola e de autonomia do seu povo.

Logo após ter concluído o curso liceal (Modelo de Ensino em Portugal) em Luanda, trabalhou nos serviços de saúde e viria a se tornar ligeiramente uma figura relevante do movimento cultural nacionalista que, durante os anos quarenta, teve uma grande expansão em Angola. Ademais, decidido a se formar em Medicina foi para Portugal no ano de 1947, já que não existia em Angola instituições de ensino superior. Depois que se matriculou na

Faculdade de Medicina de Coimbra, e em seguida na de Lisboa. Dois anos depois da sua chegada a Portugal, lhe foi concedida uma bolsa de estudos pelos Metodistas Americanos.

A sua chegada a Portugal permitiu que ele se engajasse em sua faceta política revolucionária plantada por sua avó, que lhe contava desde cedo sobre histórias de luta e resistência do povo angolano sob o regime português, histórias que foram regadas pelos seus pais. Visto que os mesmos se engajaram em grupos anticolonialistas. No ano de 1947, ao lado de Lúcio Lara e Orlando de Albuquerque, integraram o Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola que se intitulava “Vamos Descobrir Angola”. Nesse momento, ele começa a revelar seu caráter intelectual, ao rascunhar os seus primeiros escritos para revistas de viés um nacionalista.

No ano de 1950, em parceria com os seus companheiros de luta Lúcio Lara e Orlando de Albuquerque, fundam a revista “Momento”, que em conjunto com a outra revista da Associação dos Naturais de Angola, “Mensagem”, dão à ilustração dos poemas de Agostinho Neto, assim, engajando seu saber e agir sócio-político, humano-científico e intelecto-cultural. Esses escritos poéticos salientam vivências do homem angolano, a esperança de conquista pela sua autodeterminação e libertação. Escritos que não apenas falavam do passado e do presente de Angola, mas sobretudo pela busca e da preparação da liberdade futura para a então colônia portuguesa, Angola.

No ano de 1951, Agostinho foi preso, quando buscava assinaturas para a Conferência Mundial da Paz em Estocolmo. Contudo, após a sua libertação, retoma suas atividades políticas e tornando-se representante da Juventude das colônias portuguesas junto do Movimento da Juventude Portuguesa, o MUD (Movimento de Unidade Democrática) juvenil.

No entanto, durante um comício de estudantes a que assistiam operários e camponeses que a PIDE (Policia Internacional e de Defesa do Estado) o prendeu pela segunda vez, em fevereiro de 1955, sendo solto somente em junho de 1957. Por altura da sua prisão em 1955 veio ao lume um opúsculo com poemas seus, que denunciavam as amargas condições de vida do povo angolano. Todavia, sua prisão desencadeou grandes protestos em alta escala. Uma vez que se realizavam encontros; escreviam várias cartas e enviavam-nas, além de petições assinadas por grandes intelectuais franceses, como Jean-Paul Sart, André Mauriac, Aragon e Simone de Beauvoir, pelo poeta cubano Nicolás Guillén e pelo pintor mexicano Diogo Rivera. No ano de 1957, Agostinho Neto, foi eleito Prisioneiro Político do Ano pela Amnistia Internacional.

No ano de 1958, Agostinho licenciou-se em Medicina, e se casou com Maria Eugénia, no mesmo dia que concluiu o curso. Neste mesmo ano, foi um dos fundadores do clandestino Movimento Anticolonial (MAC), na qual agrupava patriotas oriundos das diversas colônias portuguesas. Já em 30 de dezembro de 1959, Neto voltou ao seu País, com sua esposa e seu filho. Entretanto, em 8 de junho de 1960, o diretor da PIDE veio pessoalmente prender Neto no seu consultório em Luanda. Houve uma grande manifestação pacífica realizada na aldeia natal de Agostinho em protesto contra a sua prisão. Infelizmente os manifestantes foram recebidos com balas da polícia. Morreram 30 pessoas e duzentos ficaram feridos.

Com receios das consequências que poderiam acontecer sem a presença de Agostinho em Angola, os colonialistas transferiram Neto para uma prisão em Lisboa e, posteriormente, enviaram-no para Cabo Verde, para Santo Antão e, logo depois para Santiago. Mesmo preso, o mesmo continuou a exercer a medicina sob vigilância política. Foi durante este período, eleito Presidente Honorário do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola).

Depois que Agostinho mostrou para alguns amigos em Santiago (Cabo Verde) uma fotografia, em que um grupo de jovens soldados portugueses sorriam para a câmara, segurando um deles uma estaca em que foi espetada a cabeça de um angolano e inserta em diversos jornais (por exemplo, no *Afrique Action*, semanário que se publica em Tunes) Agostinho Neto foi preso na cidade da Praia em 17 de outubro de 1961 e transferido depois para a prisão de Aljube em Lisboa.

No entanto, devido à forte pressão, interna e externa, as autoridades fascistas viram-se obrigadas a libertar Neto em 1962, fixando-lhe residência em Portugal. Entretanto, pouco tempo depois da saída da prisão, Agostinho, em julho de 1962, saiu clandestinamente de Portugal com a esposa e os filhos pequenos, chegando em Léopoldville (Kinshasa), onde o MPLA tinha ao tempo a sua sede exterior.

Em dezembro desse ano, ele foi eleito presidente do MPLA durante a Conferência Nacional do Movimento. Em 1970 atribuíram-lhe o Prémio Lótus, pela Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos com a "Revolução dos Cravos" em Portugal e a derrota da do regime fascista de Salazar, continuado por Marcelo Caetano, em 25 de Abril de 1974. Em que Agostinho fez a frente na luta contra a dominação colonial.

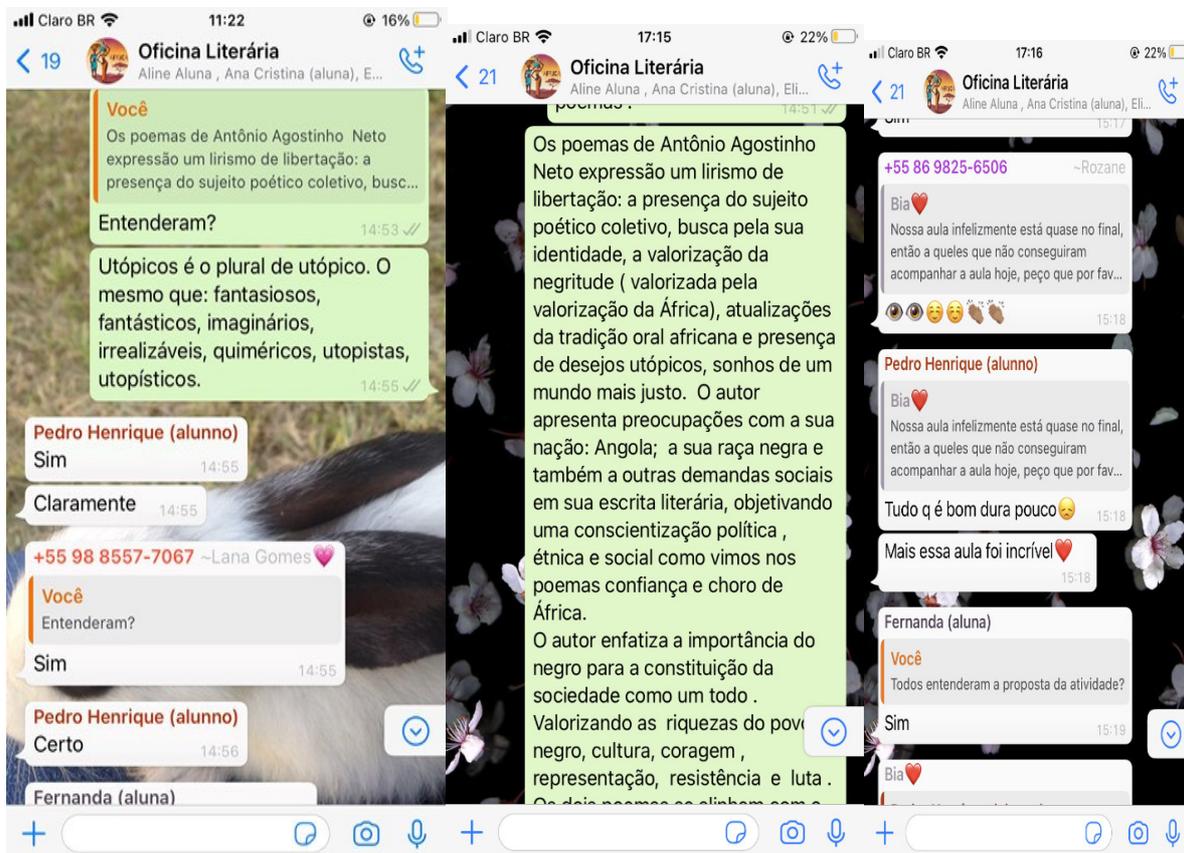
O MPLA ponderou reunidas as condições mínimas indispensáveis, a nível interno, e externo, para assinar um acordo de cessar-fogo com o Governo Português, o que veio a acontecer em outubro do mesmo ano. Agostinho regressa a Luanda no dia 4 de fevereiro

de 1975, sendo alvo da mais majestosa manifestação popular em Angola. O poeta angolano foi um importante figura no cenário social, político, intelectual e cultural. Além de ter sido o membro fundador da União dos Escritores Angolanos. Em 11 de Novembro de 1975, após 14 anos de longa e dura luta armada contra o colonialismo português, Agostinho Neto proclamou a independência de Angola e foi eleito o primeiro Presidente da República de Angola. Depois desse levantamento bibliográfico sobre o supramencionado autor, no próximo tópico seguiremos com as discussões sobre o passo a passo da aplicação da oficina literária com considerações acerca do processo de aplicação.

4.4 Oficina Vozes da África: a escrita que resiste

No presente tópico relatarei como foi o processo de planejamento e aplicação da oficina literária *Vozes da África: a escrita que resiste*. Ressaltarei a contribuição da Literatura Africana de expressão portuguesa para uma educação antirracista na educação básica especificamente no ensino médio. Além disso, a supracitada literatura é um instrumento importante para descolonizar os saberes e o currículo eurocentrista. Para a tanto, a oficina tem objetivo de apresentar a Literatura Africana de expressão portuguesa, enfatizando a importância dessa literatura para a construção de uma identidade afrodescendente através dos poemas do escritor angolano António Agostinho Neto. Além de tentar estabelecer uma conexão entre Brasil e África. Vale ressaltar que a oficina foi realizada via WhatsApp em decorrência do ensino remoto, nós criamos um grupo com os alunos do 3º ano A e B exclusivamente para a aplicação da oficina literária.

Figura 5-Prints do WhatsApp referente a oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.



Fonte da autora: Momentos de desenvolvimento da oficina no grupo do whats.

Tudo começou com o planejamento inicial das atividades que desenvolvemos na primeira etapa de atividades do Programa Residência Pedagógica ²em parceria com a disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura PCC 5 ³do curso de

² Racismo. Segundo Almeida (2018), a supremacia branca é uma hegemonia, e como tal, é uma forma de dominação que se caracteriza não apenas pelo exercício bruto do poder, mas também pelo estabelecimento de articulações e pela formação de discursos ideológicos.

O Programa Residência Pedagógica (doravante RP) é uma das ações que visa integrar os graduandos dos cursos de Licenciatura à prática docente e aperfeiçoá-la, promovendo a inserção dos licenciandos nas escolas da Educação Básica e do Ensino Médio, a partir da metade de seu curso. Conforme a CAPES 4, o programa busca incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação básica, conduzindo o bolsista a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática docente.

³ MET LP LT-Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura-PCC 5. Unidades de estudos: Considerações teórico-práticas sobre metodologias de ensino de língua portuguesa na modalidade de ensino remoto. Observação da prática pedagógica no ensino remoto: Elaboração de projeto de intervenção e de oficinas temáticas sobre ensino de gêneros da esfera jornalística, da esfera literária e uso de aplicativos digitais nas aulas de língua portuguesa.

Licenciatura em Linguagens e Códigos-Língua Portuguesa. Tínhamos que pensar nas oficinas que desenvolvemos nas turmas do 3º ano A e B do Ensino Médio.

A expectativa era grande, afinal, seria o meu primeiro contato com os alunos do médio, já que até então, só havia trabalhado com alunos do Ensino Fundamental tanto pela minha passagem pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência),⁴ quanto no Estágio Supervisionado, ambos na modalidade presencial. Contudo, apesar do entusiasmo, havia outros sentimentos como anseios e angústias. O que enfrentaremos nesta nova modalidade de Ensino? Seria um processo produtivo? Eu estava levando em consideração as minhas dificuldades e problemas enquanto discente, desenvolvidos e desencadeados nesse período pandêmico em que estamos vivenciando. Eu e minha colega de trabalho, estávamos cientes dos obstáculos que enfrentamos. Contudo, seguimos com muito entusiasmo, trabalhamos muito e pensamos bastante no projeto que executamos.

A proposta para a nossa oficina surgiu a partir da necessidade de trabalhar a leitura literária em tempos de pandemia e isolamento social, de forma plena, respeitando a realidade dos alunos. Nosso macro projeto concentrava-se na **Linguagem Literária em Movimento: As múltiplas formas de escrever o mundo**, que foi organizado com o objetivo de incentivar e discutir o letramento literário a partir de gêneros literários (poemas visuais e virtuais, poemas africanos e micro contos) em plataformas virtuais. Esse macro projeto foi elaborado e aplicado pelo grupo de residentes que estavam atuando no ensino médio nas turmas do 1º ano A e 3º ano A e B. Parceria do grupo de Residência pedagógica e a disciplina de Metodologia Ensino de Língua Portuguesa e Literatura.

⁴ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tem o objetivo de promover a inserção dos licenciandos que estão na metade de seu curso nas escolas da educação básica. Visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática docente no cotidiano escolar. Assim, contribuindo de maneira significativa no processo formativo e construtivo dos discentes.

Figura 6-Prints do WhatsApp referente a oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.



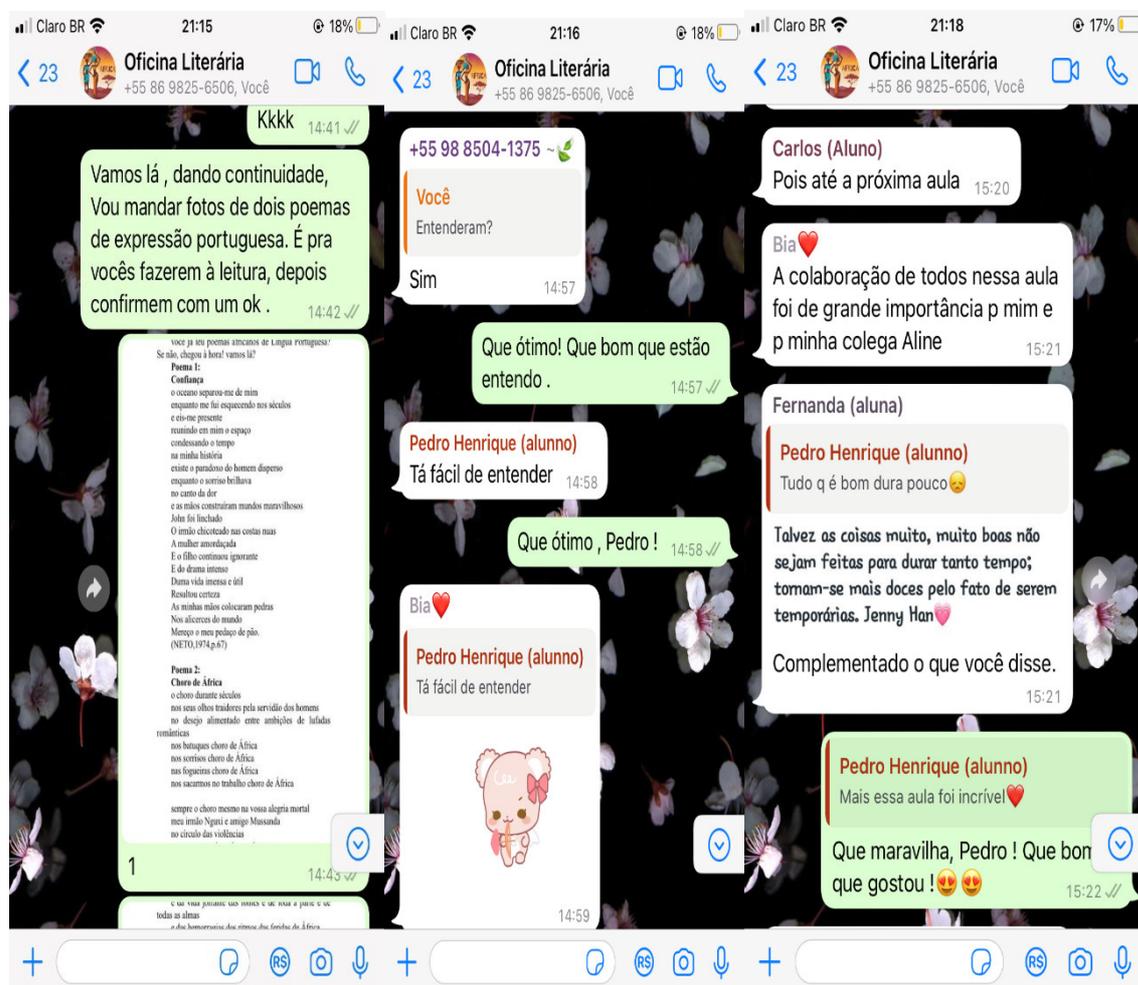
Fonte da autora: Momentos de desenvolvimento da oficina no grupo do whats.

Eu e minha dupla ficamos com as turmas do 3º ano A e B do Ensino Médio do turno vespertino, da Instituição de Ensino Dr. Henrique Couto. Nós trabalhamos com a Literatura africana de expressão portuguesa ressaltando a importância dessa literatura para a construção de identidade do afro descendente brasileiro. Como já mencionamos ao longo deste trabalho essa literatura contribui para uma conexão entre Brasil e África, além de ser importante para compreendermos a contribuição dos negros ao longo da história do Brasil e do mundo.

Com a nossa oficina literária “vozes da África”: a escrita que resiste, nós trabalhamos com dois poemas de Agostinho: **Confiança** e **O choro de África**. O autor foi escolhido devido a sua importância para o movimento negritude e devido a sua grande contribuição social e política para o continente africano. Assim como outros autores do

movimento negritude o poeta se opôs contra opressão sofrida pelos negros no continente africano. Denunciando em seus poemas a exploração escravocrata e o sistema escravista em Angola e Moçambique. Sua poética denunciativa foi de extrema importância e de impacto social para o grito do povo negro, além de fortalecer a esperança pela liberdade. Agostinho foi considerado a principal figura angolana do século XX. Engajado na luta pela libertação do povo de seu país, então colônia de Portugal. Agostinho foi o primeiro presidente de Angola em 1975. Além disso, por sua trajetória e produção literária marcada por uma escrita de resistência e identidade é conhecido como o “o poeta maior”.

Figura 7-Prints do WhatsApp referente a oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.



Fonte da autora: Momentos de desenvolvimento da oficina no grupo do whats.

Fizemos o planejamento para as aulas que daríamos pela plataforma WhatsApp levando em consideração a realidade do Ensino remoto. O conteúdo deste primeiro dia de oficina (22/03/21), foi sobre a Literatura de expressão portuguesa, nós trabalhamos com o seguinte texto: A Literatura africana de expressão portuguesa e a construção de identidade afro-brasileira. O objetivo era: ler e interpretar textos da Literatura Africana. Nesse primeiro momento apresentamos um panorama literário das literaturas africanas de expressão portuguesa.

Figura 8-Prints do WhatsApp referente a oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.

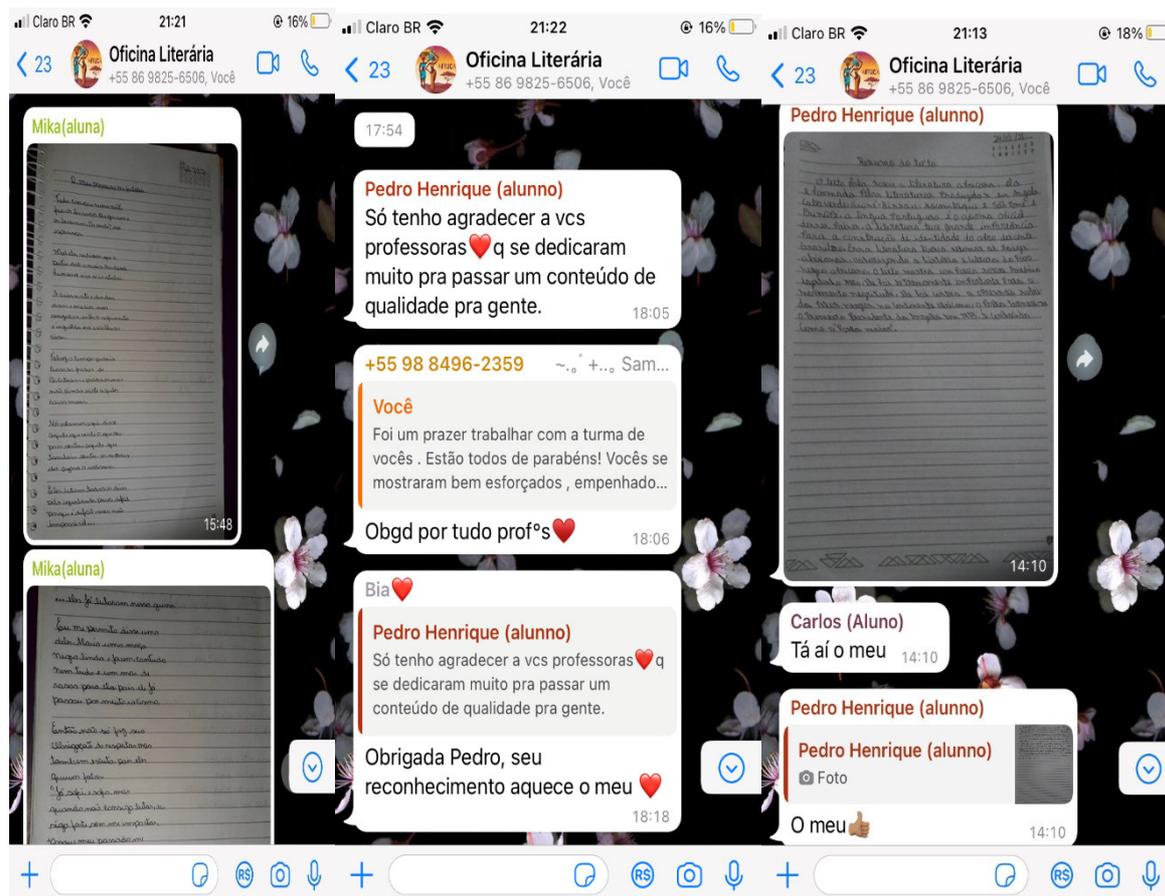


Fonte da autora: Momentos de desenvolvimento da oficina no grupo do whats.

No momento inicial enviamos para os alunos nossos vídeos de apresentação via WhatsApp, no grupo da oficina literária para que os mesmos pudessem nos conhecer. Em seguida, postamos um texto em formato de carta explicando sobre a proposta da oficina e sobre o conteúdo que passaríamos. O texto apresentava um breve panorama literário sobre a Literatura africana de expressão portuguesa e sobre o autor angolano António Agostinho

Neto. Em seguida, explicamos a dinâmica da aula, postamos os podcasts explicando o conteúdo proposto pela oficina literária. “Uma introdução sobre a Literatura africana de expressão portuguesa” e sobre o autor escolhido para trabalharmos. Depois dessa apresentação, foi aberto no grupo um diálogo com os alunos sobre o conteúdo, com comentários e questionamentos. No final da aula pedimos um resumo sobre o conteúdo desse primeiro dia. Vale ressaltar que a interação com os alunos aconteceu através do grupo do WhatsApp intitulado: **oficina literária**, criado para a realização da oficina “**vozes da África: a escrita que resiste**”. Pensamos em tudo, como explicaremos o conteúdo no formato de conversa e de como seria a interação no WhatsApp durante as duas aulas de 40 minutos.

Figura 9- Prints do WhatsApp referente a oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste.



Fonte da autora: Momentos de desenvolvimento da oficina no grupo do whats.

O primeiro dia de oficina foi um pouco frustrante, tivemos poucas interações e eram poucos alunos presentes nesse primeiro dia de atividades. Comecei a refletir no que poderia ter dado errado, afinal, foram várias semanas planejando a Oficina. Essa oficina era muito importante e significativa para mim e minhas lutas para uma Educação antirracista com ações educativas antirracistas.

Entretanto, depois de algumas reflexões dos dados que tínhamos da turma e das observações da professora responsável pela sala, nos deparamos com alguns empecilhos que contribuíram para a pouca participação dos alunos naquele primeiro dia.

Primeiramente, nem todos os alunos da turma participavam do grupo do WhatsApp onde estavam acontecendo as aulas *online*. Cerca de 15 alunos estavam no grupo, mas somente 7 a 9 alunos participavam das aulas. Além do mais, a maioria dos alunos residem na zona rural e poucos tinham acesso à internet, muitos não tinham celular e precisavam esperar os pais retornarem do trabalho para poderem ter acesso às atividades e alguns alunos arrumaram emprego devido ao contexto pandêmico.

Muitos dos alunos só viam as mensagens à noite ou depois do horário da aula, devido às questões citadas acima. Então, pensamos em ajudar, e, repassar o conteúdo aos alunos fora do nosso horário de aula, por nossa iniciativa e foi o que fizemos. A proposta da oficina seria de dois dias, mas com esses empecilhos acabamos nos envolvendo a semana toda dando aula extra, explicando conteúdo e ajudando com a atividade proposta pela oficina.

Felizmente o segundo dia foi totalmente diferente, conseguimos ter uma ótima interação com os alunos, a aula foi muito produtiva, recebemos até elogios dos alunos e felicitações da professora titular por termos realizado o trabalho com êxito e termos conseguido os resultados esperados.

No segundo dia (24/03/21), damos continuidade ao conteúdo da aula anterior sobre literatura africana de expressão portuguesa, com um vídeo aula falando sobre a vida e obras do autor angolano António Agostinho Neto ressaltando sua importância e contribuição na luta contra o racismo no continente africano, através dos seus poemas *Confiança* e *Choro de África*. O objetivo dessa aula foi: ler e interpretar os poemas de António Agostinho Neto e produzir um poema de expressão portuguesa durante as duas aulas de 40 minutos.

Explicamos em forma de conversa os dois poemas que foram trabalhados nesse dia, os poemas: “confiança e choro de África” que são poemas africanos de expressão portuguesa. Logo depois foi aberto no grupo um diálogo com os alunos sobre o conteúdo: dúvidas e comentários acerca dos poemas como: estrutura, os sentidos dos poemas, as

temáticas empregadas nos poemas, como a luta contra o racismo e contra o sistema escravista, as entrelinhas e algumas termos desconhecidas como “lusófonos”.

Para a finalização da oficina literária lançamos a atividade principal na qual pedimos a produção de poemas de expressão portuguesa visando as temáticas apresentadas nos poemas de Antônio Agostinho Neto, como a valorização da negritude, da valorização do negro, resistência e luta a partir das impressões deles do que havíamos passado. Como forma de valorização da escrita, do seu pertencimento enquanto afrodescendente e desses movimentos que o autor angolano destaca em suas obras. Além disso, essas produções seriam publicadas numa página no Instagram, conforme a autorização dos mesmos.

Devido aos empecilhos citados acima no primeiro dia de oficina. Na quinta-feira, terceiro dia, nós postamos e explicamos o conteúdo que foi passado na segunda-feira dia 22/03/21 e quarta-feira dia 24/03/21 pela parte da tarde e à noite. Na quinta-feira damos mais orientações acerca das produções dos poemas e estendemos o prazo de entrega até a sexta-feira 26/03/21.

Vale ressaltar que não publicamos essas produções, já que alguns alunos não autorizaram, então respeitamos isso. Nosso objetivo era descolonizar saberes e apresentar a história, luta e cultura negra africana a partir de escritores negros desvinculando suas narrativas de olhares e de bibliografias eurocêntricas e fazer com que os alunos se percebessem e se identificassem nessas histórias de luta, resistência e de identidade enquanto afrodescendentes e que isso se mostrasse presente em suas escritas. E conseguimos isso, muitos fizeram poemas maravilhosos centrados nas temáticas que foram apresentadas ao longo da oficina por meio dos poemas de Antônio Agostinho Neto. Podemos perceber isso em alguns poemas dos alunos que serão transcritos abaixo.

Poema 1: sou negro com orgulho

“Sou **descendente de negro**,

Por isso tenho o meu valor,

Da minha raça tenho orgulho, me respeite por favor.

Cresci criando história,

Cantando com louvor,

Guardando-as na memória

Pois elas têm o seu valor.

Pela luta da **igualdade**,
Com toda dignidade,
Eu sou negro de verdade.

Ninguém quer piedade,
Ninguém quer falsidade
Muito menos maldade.

Só queremos nessa vida
Que para muitos tão **sofrida**
Só queremos respeito
Só queremos direitos”.

No “poema 1”, podemos perceber nos versos que estão destacados de vermelho a voz e a intensidade do eu lírico, o sujeito se colando dentro da sua história e da história dos seus descendentes. Destacando a sua importância enquanto sujeito preto, o orgulho da sua raça e a necessidade do respeito com a população negra. Quando ele dá ênfase ao respeito, ele faz repetições desta palavra e podemos perceber a amplitude e os sentidos por trás da mesma. O que eu quero dizer com isso, é que além dele se identificar como negro (preto) e marcar o seu pertencimento racial, sua identidade, ele também evidencia o racismo como um problema a ser combatido; quando ele destaca as palavras respeito, sofrida, igualdade e direitos. A seguir o segundo poema.

Poema 2: pretessência

“Preta é a essência que busco,
Batuco no meu próprio ser,
Lapidado e ancestralizado,
Com muita paciência
jamaiz abandonarei a minha pretessência.”

No “poema 2”, a voz do eu lírico dá destaque a essência preta, a essência de ser preta, além disso essa voz ressoa o seu pertencimento, sua identidade e a sua ancestralidade.

Nesse sentido, tendo uma similaridade com o primeiro poema. Agora veremos o terceiro poema.

Poema 3:” sou descendente afro-brasileiro

e sei do meu verdadeiro valor,
tenho orgulho de dizer que negro eu sou”.

No terceiro poema podemos perceber a mesma perspectiva dos poemas anteriores, a voz do eu lírico enfatiza o seu pertencimento, a sua identidade, o seu orgulho em ser negro, de ser um afrodescendente e o mais importante o orgulho da sua cor como podemos perceber nas palavras destacadas em vermelho. A seguir o quarto poema.

Poema 4: resistência e luta

O meu povo negro teve muita resistência e luta

Mesmo depois de tanta dor,
No rosto a marca da existência
Depois de muito persistir para existir
Depois de choros e gemidos
Depois de tanta exclusão
Conseguirão a sua libertação.

No quarto poema o eu lírico dá destaque a resistência e a luta do seu povo, ele se coloca dentro da história quando diz “o meu povo”, marcando o seu pertencimento racial. Esse poema ressalta a grande luta e a resistência do povo negro, um povo que lutou contra o sistema, contra as amarras e silenciamentos. Ele destaca a força, a coragem e a persistência de um povo que lutou e luta muito para existir. Esses poemas apresentaram discursos importantes, as perspectivas dos alunos, o olhar atento, uma sensibilidade na escrita, uma construção de uma identidade, de pertencimento e de consciência racial enquanto sujeitos pretos. O mais impressionante é que quando você lê os poemas você consegue enxergar a vivência dos alunos, suas histórias e a delicadeza de cada palavra escrita, de cada verso e de cada estrofe. Você se emociona com a riqueza e a grandeza das palavras, afinal cada texto é importante e toda escrita é valiosa.

Contudo, confesso que fiquei muito surpresa e feliz com os poemas que os alunos escrevem, muitos afirmaram em sua escrita sua identidade negra, o orgulho de sua cor e da

história do seu povo e dos seus descendentes. Por isso é importante apresentar a história da África, da cultura africana, de figuras negras e de figuras africanas que foram importantes para a sociedade ao longo da história através da literatura africana. É importante mostrar para os alunos que a história dos seus descendentes não se resume a escravidão e da condição de escravo. Nosso povo negro tem história, tem luta, tem resistência. Um povo que lutou contra o sistema e por sua libertação. Precisamos desvincular a história do nosso povo/ da nossa história de narrativas eurocêntricas e de bibliografias eurocêntricas. É necessário apresentar a nossa história a partir do olhar do povo negro. Nesse sentido MUNANGA (2012), destaca que:

O que interessa a nosso propósito é que a identidade seja vista do ponto de vista da comunidade negra através do seu movimento social e de suas entidades políticas. O primeiro fator constitutivo desta identidade é a história. No entanto, essa história, mal a conhecemos, pois ela foi contada do ponto de vista do “outro”, de maneira depreciativa e negativa. O essencial é reencontrar o fio condutor da verdadeira história do Negro que o liga à África sem distorções e falsificações. (MUNANGA,2012. p.10).

Portanto, o autor destaca que é importante resgatar a nossa história, e desconstruir o imaginário de uma história negativa que foi construída a partir de um viés colonial e racista. Para tanto, fica evidente a importância e a necessidade de ensinar a história da África e a história do negro no Brasil no espaço educacional partindo de abordagens e posturas epistemológicas que evidenciem a importância do negro no cenário social em diversos setores ao longo da história. Que essas abordagens desvinculem a imagem do negro de estereótipos e narrativas racistas. E que possamos colaborar para a construção de uma identidade negra e afrodescendente, que o negro seja visto como sujeito ativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro. Trabalhar com a literatura africana na sala de aula nos permite estudar África e o Brasil africano, refletir sobre a discriminação racial, sobre o racismo, negritude, valorizar às diversidades étnicas, histórias e às identidades, visto que o nosso país é multicultural. Além disso, debater sobre esses assuntos nos permite estimular o respeito, solidariedade e tolerância. Essas discussões irão fortalecer a luta antirracista e a luta por uma educação antirracista.

Para tanto, sentimos que os alunos estavam confiantes e decididos sobre o que iriam escrever. Foi bastante gratificante perceber isso na receptividade deles e em seus poemas. Ainda mais levando em consideração que esses nossos momentos durante a oficina literária foi o primeiro contato deles com a literatura africana, com poemas africanos e com autores africanos. Visto que no decorrer da oficina, quando perguntamos aos alunos se eles já

tinham tido contato com essa literatura, os mesmos mencionaram que não, que esse assunto era novo e eles ainda não tinham tido um contato com a literatura africana. Além do mais, se mostraram bastante curiosos a respeito da proposta das aulas.

Deste modo, foi uma responsabilidade muito grande enquanto residente e educadora antirracista apresentar um universo até então desconhecido para esses alunos. Felizmente tudo ocorreu bem e conseguimos ter uma troca com os alunos, diálogos, respostas e uma interação. O nosso maior medo era não ter uma troca com os alunos, que eles não entendessem o conteúdo ou não se mostrassem interessados com a nossa metodologia e com as propostas das aulas pensadas na realidade do ensino remoto de caráter emergencial. Entretanto, apesar dos empecilhos do primeiro dia de oficina, como a falta de internet, os educandos se mostraram bem receptivos, participativos e atenciosos.

Vale mencionar, que eu tenho um carinho muito grande por essas turmas do 3º ano A e B, por esta oficina, por esse trabalho desenvolvido através do Programa Residência Pedagógica. Tenho certeza que essa experiência marcou muitas pessoas assim como me marcou, me deixando grandes marcas e aprendizados. Vale ressaltar que o nosso comprometimento e o espírito de mudanças foram os pontos cruciais para nos encorajarmos e superarmos os empecilhos durante o ensino remoto. Além disso, a importância do comprometimento e da nossa dedicação, se não nos dedicarmos e nos comprometermos com nossas obrigações docentes, nossas organizações e planejamentos não funcionarão.

Essas experiências foram fundamentais para reflexões educativas e para a construção da minha identidade docente no meu futuro campo de atuação, foi enriquecedor, muito válido, uma experiência rica em saberes. A residência pedagógica me proporcionou um novo olhar sobre a prática docente em tempos de pandemia e isolamento social. Apesar das dificuldades e obstáculos há esperança de mudanças, de uma educação de qualidade para todos. É um percurso de aprendizado contínuo, de descobertas e inovações. A seguir o quadro de dados com os arquivos do material utilizado ao longo da oficina literária.

Tabela 2- Quadro de dados do material utilizado na oficina literária "Vozes da África": a escrita que resiste

Atividade	Comprovante da atividade
Texto explicativo em formato de carta	 texto oficina.docx
Poemas Confiança e O choro de África	 POEMAS CONFIANÇA E CHOF
Texto: A literatura africana de expressão portuguesa e a construção da identidade afro-brasileira.	 1 Carolina_Literatura_
Prints do Vídeo aula e dos podcasts que foram mandados no grupo do WhatsApp durante a oficina literária.	

Fonte: autoria própria

5 CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi discutido e relatado nesta pesquisa, podemos concluir que a literatura africana de expressão portuguesa é uma ferramenta importante no combate ao racismo e no processo de descolonização dos currículos no espaço escolar. Uma vez que através desta literatura podemos questionar problemáticas da nossa sociedade como o racismo e, além disso, através do ensino da mesma, podemos destacar a importância da história e cultura africana para a construção de uma identidade afrodescendente. Além do mais, resgatar nossas raízes africanas e estabelecer uma conexão entre Brasil e África, mostrando a contribuição e a importância de figuras negras no cenário mundial em diversos segmentos, assim, buscando desvincular suas narrativas de visões eurocêntricas, estereotipadas e estigmatizadas. Dialogando com a linguagem literária e o espaço social.

Para tanto, a partir do nosso objeto de pesquisa que é a Literatura Africana de expressão portuguesa, podemos apresentar conteúdos referentes à história e cultura africana e afro-brasileira. E destacar a contribuição dos africanos que foram importantes para a história a nível social, humanitário e global. Que é o caso do autor que escolhemos para trabalharmos na educação básica, o poeta angolano António Agostinho Neto, que foi uma figura essencial na luta pela libertação de Angola e Moçambique, lutando contra o sistema colonialista e contra o racismo no continente africano. Agostinho é referência de resistência, mostrou que os negros foram resistentes e lutaram contra o sistema escravista.

Vale enfatizar que os poemas africanos, apresentam uma poética de resistência, luta e militância, buscando uma afirmação e uma ressignificação identitária. Grande parte dos poemas africanos de língua portuguesa representam experiências vividas pelo povo negro africano, críticas ao sistema escravista, à sociedade racista e patriarcal. Partindo do olhar do negro sobre o seu continente e a sua história. Vale ressaltar que contribuimos com a descolonização de saberes; apresentando a história, luta e cultura negra africana a partir de escritores negros desvinculando suas narrativas de perspectivas e de discursos eurocêntricos.

Ademais, através dos poemas de Agostinho sobre resistência e negritude os alunos da educação básica conseguiram refletir sobre o racismo e se perceberem enquanto sujeitos afrodescendentes, além de poderem reconhecer sua própria identidade. Todavia, fica claro a importância da participação da escola no combate ao racismo e na luta antirracista.

Visto que o racismo está presente em todos os espaços, nas relações cotidianas e nas estruturas sociais. É necessário que as instituições de ensino e os professores desenvolvam ações educativas cotidianas para combatê-lo e adotar medidas antirracistas. A escola enquanto

espaço formativo e construtivo é um dos espaços mais importantes na luta contra o racismo. O ensino precisa ser pautado numa perspectiva antirracista, contribuinte e democrática. Se as instituições de ensino não adotarem ações de combate, as mesmas serão uma rede de transmissões racistas, sexistas e de privilégios. Para combater o racismo e suas estruturas, as instituições devem tomar medidas para a implementação de práticas antirracistas concretas e habituais.

Eu, enquanto pesquisadora e educadora antirracista ressalto a importância de pensarmos numa educação antirracista, em ações educativas efetivas. A luta contra o racismo precisa ser uma prática diária. Se você não tem ações de combate ao racismo, será apenas mais um reprodutor e transmissor do racismo estrutural com ações eurocêntricas. Portanto, nós, educadores(as) precisamos mudar a nossa realidade escolar, partindo de diálogos, discussões, e, principalmente, partindo de ações para combater o racismo, e para entendermos sobre a nossa diversidade racial. Já que as desigualdades raciais no espaço educacional brasileiro ainda são muito grandes como vimos nos dados apresentados ao longo deste trabalho. Em que os piores índices de ensino estão sempre relacionados aos alunos negros e também nos demais setores sociais.

O ensino ainda precisa avançar muito, visto que ainda há um descaso muito grande no que diz respeito à uma educação pautada numa premissa de combate ao racismo. Nos deparamos com descasos e dificuldades para a efetivação da educação das relações étnico-raciais e para o cumprimento da lei 10.639/03, que inclui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em todas as redes de ensino. Portanto, precisamos mudar a nossa realidade para alcançarmos mudanças no âmbito escolar e social.

Desta forma, vimos ao longo deste trabalho a importância da literatura africana de expressão portuguesa e como a mesma pode contribuir para uma educação antirracista e para a construção de uma identidade afrodescendente e para o reconhecimento das identidades dos alunos e do seu pertencimento racial e que os mesmos possam se perceber enquanto sujeitos afrodescendentes. O ensino das literaturas africanas no âmbito educacional se faz necessário para a valorização do negro, da sua história e cultura, para combatermos o racismo e os estigmas atribuídos aos negros ao longo da história. Precisamos partir de diálogos, ações e possibilidades para conseguirmos resultados. Ademais, destaco que não existe uma fórmula perfeita, uma metodologia perfeita, mas é necessário professores conscientes, preparados, dispostos e engajados para avançarmos na luta contra o racismo na escola e na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, ESTATÍSTICAS DO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2020.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Tremores. **Escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi - Belo Horizonte, Autêntica, 2016.

BOURDIEU, P. **Futuro de classe e causalidade do provável**. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998b.

BRASIL. CNE/CP. Parecer nº 3, de 10 de março de 2004. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

BRASIL. CNE/CP. Resolução nº 1, de 17 de março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino**. 2020.

CARVALHO, Marcelo Pagliosa. **Estudos africanos e afro-brasileiros: possibilidades de intervenção pedagógica, 2021. Ensino antirracista na Educação Básica: da formação de professores às práticas escolares [recurso eletrônico] / Thiago Henrique Mota (Org.) --** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021

FACHIN, Odília. **Fundamentos da metodologia científica: Noções básicas em pesquisas científicas**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

FERREIRA, Manuel. Literaturas africanas de expressão portuguesa - I. Portugal: Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, 1977.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, Jan/Abr. 2012.

GOMES, N. L. Movimento Negro e a intelectualidade negra: descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, J; MALDONADO-TORRES, N; GROSGOUEL, R. (Orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

GROLLMUS, Nicholas S. TARRÈS, Joan P. *Relatos metodológicos: difractando experiências narrativas de investigación. Forum Qualitative Social Research*, v. 16, n. 2, mayo, 2015.

IBGE–INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Desigualdade racial na educação brasileira. 2020.**

IBGE, *Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016/2019.*

IBGE–INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD COVID19. 2020.*

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas.* – Rio de Janeiro: edUERJ, 2012

Lusofonia Poética, poesia lusófona acesso

em: <https://www.lusofoniapoetica.com/angola/agostinho-neto>

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

Ministério da Economia Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. 2019.

Ministério da Economia Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. 2018

.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e Formação Profissional.** Rio de Janeiro: Vozes. 2002.

APÊNDICE A- Plano da oficina

A LINGUAGEM LITERÁRIA EM MOVIMENTO: AS MÚLTIPLAS FORMAS DE ESCREVER O MUNDO

A proposta para esta oficina surge a partir da necessidade de se trabalhar a leitura literária em tempos de pandemia e isolamento social, de forma plena respeitando a realidade dos alunos. A leitura literária é de suma importância no processo de ensino aprendizagem dos alunos, no desenvolvimento do senso crítico e cognitivo, proporcionando conhecimentos de maneira significativa e interessante. Portanto, trabalharemos com a Literatura africana de expressão portuguesa ressaltando a importância dessa literatura para a construção da identidade do afro descendente brasileiro. Especificamente com o autor angolano António Agostinho Neto, com dois poemas do mesmo: **Confiança** e **O choro de África**. Nas turmas do 3º ano A e B, na Instituição de Ensino Dr. Henrique Couto, no turno vespertino. Construimos esta oficina considerando o contexto situacional que os alunos estão inseridos nessa nova modalidade de Ensino Emergencial.

A oficina intitulada "**Vozes da África**": **a escrita que resiste** tem como objetivo apresentar a Literatura africana de expressão portuguesa, enfatizando a importância dessa literatura para a construção de identidade do afro descendente brasileiro através dos poemas do escritor angolano António Agostinho neto.

1º Dia da oficina

- **Docentes:** Aline Rocha da Silva e Ana Beatriz Gomes.
- **Conteúdo:** Literatura de expressão portuguesa.
- **Objetivo:** Ler e interpretar textos da Literatura Africana.
- **Textos para a aula:** A Literatura africana de expressão portuguesa e a construção de identidade afro-brasileira.
- **Procedimentos:** Seguindo o cronograma de atividades estabelecido pela Instituição de Ensino Dr. Henrique Couto, a oficina "**Vozes da África**": **a escrita que resiste** acontecerá nos dias de orientação da Professora Rosane, pelo aplicativo WhatsApp. Nos dias 22/03/21 e 24/03/21. No primeiro momento enviaremos para os alunos um vídeo de apresentação das residentes para que os mesmos possam nos conhecer. Em

seguida postaremos um texto em formato de carta explicando sobre a proposta da oficina e sobre o conteúdo. O texto apresentará um breve panorama literário sobre a Literatura africana de expressão portuguesa e sobre o autor angolano António Agostinho Neto. Em seguida explicaremos a dinâmica da aula, postaremos os podcasts explicando o conteúdo proposto pela oficina literária. Uma introdução sobre Literatura de expressão portuguesa e sobre o autor escolhido para trabalharmos. Será aberto no grupo um diálogo com os alunos sobre o conteúdo, com comentários e questionamentos. No final da aula pediremos um resumo sobre o conteúdo desse primeiro dia. Vale ressaltar que a interação com os alunos acontecerá através do grupo do WhatsApp intitulado: **oficina literária**, criado para a realização da oficina **“vozes da África: a escrita que resiste”**.

- **Tempo:** duas aulas de 40 minutos.
- **Recursos:** WhatsApp, podcast e vídeos.

2º Dia da oficina

- **Conteúdo:** Literatura africana de expressão portuguesa.
- **Objetivo:** Ler e interpretar os poemas de António Agostinho Neto e produzir um poema de expressão portuguesa.
- **Textos para a aula:** Poema confiança e Choro de África de Agostinho Neto.
- **Procedimentos:** No segundo dia pediremos os resumos dos alunos, em seguida retomaremos o assunto da aula anterior com um vídeo aula, falando sobre a vida e obras do autor António Agostinho Neto. Explicaremos em forma de conversa os dois poemas que serão trabalhados neste dia, os poemas: confiança e choro de África que são poemas de expressão portuguesa. Logo depois será aberto no grupo um diálogo com os alunos sobre o conteúdo: dúvidas e comentários. Para a finalização da oficina literária lançaremos a proposta da atividade: pediremos para os alunos produzirem um poema de expressão portuguesa visando as temáticas de valorização da negritude, da valorização do negro, resistência e luta a partir de suas impressões. Como forma de valorização da escrita dos alunos e da própria Literatura de expressão portuguesa, será proposto aos mesmos a possibilidade de publicação dessas produções numa página no Instagram, conforme a autorização será publicada.

- **Tempo:** duas aulas de 40 minutos.
- **Recursos:** WhatsApp, vídeo aula.

Com base nos direcionamentos e competências das Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das relações étnico-raciais precisamos dar ênfase ao ensino da história e cultura africana na seguinte perspectiva:

O ensino de História e Cultura Africana se fará por diferentes meios, inclusive a realização de projetos de diferente natureza, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social entre outros: (DCN-s, 2004.p.22).